

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Mestrado de Audiovisual e Multimédia

Comunicação nas Relações de Longa Distância
Documentário “But it’s Okay”

Marta Amaro Lemos

Orientada por José Cavaleiro Rodrigues

12-11-2013

Declaração

Esta dissertação é apresentada para cumprimento dos requisitos necessários para completar o 4º semestre e para obter o grau de mestre.

Declaro que este trabalho é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

Resumo

Nos tempos que correm, são cada vez mais os casais que se separam temporariamente, seja para estudar fora ou para trabalhar/estagiar noutro país. Por que meios comunicam? Do que falam? Do que sentem falta? Será que tentam levar as suas vidas com a mesma naturalidade de um casal que se vê todos os dias?

Para esta pesquisa escolhemos casais de estudantes universitários em RLD, um grupo usual objecto de estudo à própria problemática devido à sua disponibilidade em participar.

Para dar a conhecer esta realidade, explorámos os meios de comunicação mediados por computadores utilizados nas RLD, ou outros, caso houvesse referência; analisámos as vantagens e desvantagens encontradas nessa comunicação, por parte de pessoas que se encontravam no momento da investigação numa RLD, utilizando entrevistas semi-directivas. Como tópicos de conversa elegemos os pensamentos e sentimentos sobre a relação, noções de distância, a identificação de pontos fortes e fracos da comunicação à distância assim como a presença de discursos culturais dominantes. A partir desse pequeno estudo, o resultado foi um filme com as caras da juventude europeia. Do nosso ponto de vista, este é um retrato actual de pessoas a falarem das suas RLD (obstáculos exteriores – Tecnologia, Finanças, Rede Social) e do que/quem sentem realmente falta (obstáculos interiores - Sentimentos)¹.

Palavras chave : Relações de Longa Distância (RLD); Comunicação mediada por computador (CMC); Documentário

¹ Farrell, J. M. (2009) *Notions of Distance: Communication constraints in long distance dating relationships*. Tese de B.A., University of Nevada.

Abstract

Nowadays, there are increasingly more couples who are temporary separated, whereas to study or work/train in another country. By what media do they communicate? What do they talk about? What do they miss? Do they live their lives as naturally as a couple that sees each other everyday?

For this study, we chose university students who are in a LDR, an usual object of study to its own problematic due to their willingness to participate.

To raise awareness of this reality, we explored media of communication mediated by computers used in LDR, or other, if there's reference; we analysed advantages and disadvantages encountered in this communication, by people who were in that particular moment of the investigation in a LDR, using semi-structured interviews. About the topics we have chose thoughts and feelings about the relationship, notions of distance, dentifying strengths and weaknesses of distance communication as well as the presence of dominant cultural discourses. By this small study, the result is a video with the faces of European Youth. From our point of view, this a portrait of people talking about their LDR (²External Constrains - Technology, Finance, Social Network) and who/what they miss (Interior Constrains - Feelings).

Keywords: Long Distance Relationships (LDR); Comunication Mediated by Computer (CMC); Documentary

² Farrell, J. M. (2009) *Notions of Distance: Communication constraints in long distance dating relationships* B.A Thesis., University of Nevada.

Índice

RESUMO/ ABSTRACT	3
AGRADECIMENTOS	7
INTRODUÇÃO	8
LEITURAS EXPLORATÓRIAS DE ENQUADRAMENTO:	
1. Relações à distância e Comunicação	
a) Comunicação e mobilidade em contextos globalizados	10
b) Relações à Distância (RLD)	11
c) Meios de Comunicação	12
d) Novos Medias	13
e) Comunicação à Distância (CD)	
• Comunicação-mediada-por-computador (CMC)	14
• Vídeo-mediado-por-computador (VMC)	14
• Telefone	16
• SMS	17
• <i>E-mail</i>	17
• Mensagens Instantâneas	18
• Redes sociais	18
• <i>Webcam</i>	19
f) Novas e Velhas formas de CD	19
g) Constrangimentos na CD	20
2. Documentário: breve nota histórica e prospectiva	
a) As origens	23
b) A época do <i>Cinéma Vérité</i>	24
c) Os Projectos Etnográficos para o Cinema	25
d) A Exploração de Elementos Ficcionais	26
e) Definições Contemporâneas	26
f) Direcções Futuras	27
g) Uma Tipologia de Documentário	28
h) As RLD no Cinema	29
METODOLOGIA:	
1. Constrangimentos Internos	
• <i>Comunicação Mediada</i>	31
• <i>Hábitos de Conversa</i>	31
• <i>Ausência Física</i>	31
• Emoções	32
• <i>Visitas</i>	32
2. Constrangimentos Externos	
• <i>Agendas</i>	32

• <i>Rede social</i>	32
• <i>Despesas</i>	32
• <i>Tecnologia</i>	33
3. Métodos em Investigações sobre RLD's	
• Entrevistas Qualitativas	34
• Procedimentos Metodológicos Gerais	35
4. Escolha da Forma Documental	36
CONCLUSÕES:	
Os Resultados	38
Destaques e Interpretações Finais	43
Algumas Limitações da Pesquisa e Sugestões para o Futuro	47
BIBLIOGRAFIA	48
WEBGRAFIA	51
ANEXOS:	
A. Modelo De Projeto De Documentário	52
B. Questionário do Participante	57
C. Guião	59
D. Entrevistas.....	61
E. Quadro Participantes	62
F. Poster	72

Agradecimentos

*Não somos nem europeus nem norte americanos,
mas falta-nos uma cultura original;
nada é estrangeiro para nós porque tudo o é.*

Paulo Emílio Salles Gomes

Primeiro, obrigada aos meus pais por acreditarem sempre em mim. Espero que se sintam orgulhosos com o que alcancei e quero que saibam que tudo o que consegui fazer foi graças a vocês. Obrigada a toda a minha família pelo espaço e pelo apoio incondicional.

Agradeço aos meus amigos, que mesmo longe estiveram perto. André, Ricardo, Fred, Sara, Patrícia e Ana, de alguma maneira eu falei do meu projecto e vocês ouviram, leram, discutiram, opinaram, “leriaram” e ajudaram-me muito.

À minha família internacional da *Vinarska*, que me proporcionou momentos inesquecíveis durante a minha estadia em Brno. Especialmente ao grupo de participantes e amigos, que fazem parte deste estudo e da minha vida, a partir daqui. Obrigada ao Erik, à Marketa, ao Jonas e ao Marek por me fazerem sentir em casa.

Ao meu orientador, que viu e me mostrou a luz e me manteve no bom caminho durante o longo processo de leitura e revisão, tendo sempre paciência e palavras de incentivo, incluindo em dias de aniversário.

E por fim, obrigada ao João, por seres a minha inspiração e o meu maior apoio. A nossa relação foi o ponto de partida deste estudo e tornamo-nos mais fortes ao aceitarmos esta terceira (e última, espero) longa distância, Estou muito feliz por poder partilhar este maravilhoso momento e futuras aventuras a teu lado.

Introdução

São muitos os estudos sobre Relações amorosas de Longa Distância (RLD) (Aylor (2003), Arditti & Kauffman (2004), Maguire (2007), Johnson, Haig, Becker, Craig & Wigley (2008), Aguila, (2009), Farrell (2009), Yin (2009) e, Neustaedter & Greenberg (2011)) devido à actualidade e à expansão destas situações entre os jovens casais que se veem obrigados, por força da sua vida académica ou profissionalmente, a viver, durante um certo período de tempo, separados um do outro. Os jovens saem da que tem sido chamada a sua zona de conforto para alcançarem novas competências, para aprenderem novas formas de vida ou aproveitarem ofertas de trabalho únicas mas, quando deixam alguém para trás, as novas tecnologias ajudam-nos a sentirem-se mais perto, são uma ferramenta útil que pode ser usada com proveito para continuar uma relação.

Apesar da actualidade do tema, as investigações dirigidas especificamente a estudantes envolvidos em relações amorosas em contexto transnacionais ainda são poucas. Temos como exemplos os estudos “Computer-Mediated Relationship Development: A Cross-Cultural Comparison” de Yum & Hara (2005) entre três culturas diferentes: Coreia do Sul, Japão e Estados Unidos da América e “Intimacy in Long-Distance Relationships over Video Chat” de Neustaedter e Greenberg (2011) em que os sujeitos eram americanos e canadianos. Pretende-se agora entender, num contexto mais próximo, a forma como estudantes no centro da Europa comunicam com os seus parceiros, quando se encontram deslocados, em países diferentes daqueles de que são naturais. A própria existência de um meio activo que conecta pessoas através do espaço dá lugar a novas conexões. E com estas conexões poderão os novos meios manter, melhorar ou dificultar as RLD?

Além da utilização dos meios convencionais e assíncronos de comunicação mediada por computador, como o *e-mail*, por casais que estão geograficamente longe, Aylor prevê que “será cada vez mais importante examinar o uso de comunicação mediada por computador síncrona” (2003: 136), por exemplo, as mensagens instantâneas (MI), a conferência por computador e as salas de *chat* em tempo real. Na verdade, Farmer (2005) minuciosa vários resultados relacionados com a crescente popularidade das MI nos EUA. Ele relata que 62% dos utilizadores da Internet entre os 18 e os 27 anos de idade já usaram algum serviço de MI. Ainda

noutra estatística, este observa que mais de 50 milhões de americanos usam MI, na maior parte, como forma de se manterem em contacto com entes queridos e colegas.

No fundo, o que eu desejo fazer é contar uma história que irá ser o conjunto de algumas fantásticas experiências. Por afinidade e interesse pessoal, utilizei a minha experiência, numa posição de participante-observadora, e entrei em contacto com os protagonistas para eles poderem partilhar as suas opiniões e ideias, contudo eu própria já tinha conhecimento de algumas delas. “A maior parte dos realizadores considera-se contadores de histórias, em vez de jornalistas” (Aufderheide, 2007: 1), ou seja, este documentário não irá atrás de uma verdade absoluta que reflita toda esta realidade versada mas sim representar e apresentar alguns casos individuais dentro de relacionamentos à distância, dar-lhes uma voz sobre como comunicam com os seus parceiros. Iremos levar os espectadores numa viagem emocional ao unir as experiências diferentes num só conteúdo. O documentário é uma ferramenta importante para criar e desenvolver consciência nas audiências.

O seguinte estudo divide-se em quatro partes: Na primeira parte fez-se uma pré-pesquisa sobre as relações à distância no quadro das novas tecnologias de comunicação, na segunda pesquisou-se sobre o cinema documental. Já na terceira, é apresentado o ‘projecto’ em formato de filme e na última apresentam-se as conclusões.

Através do produto final, o filme, tentaremos descobrir a relação que temos com as tecnologias de comunicação e a relação que temos com o nosso parceiro. Como comunicamos quando estamos longe? O que é que sentimos? Será que está a nascer uma nova forma de comunicação que no futuro se tornará parte importante dos relacionamentos amorosos?

Leituras Exploratórias de Enquadramento

1. Relações à distância e Comunicação

Globalização e Comunicação

Os fluxos da globalização dependem e são largamente afectados pela mudança tecnológica. A invenção e utilização do telefone, até à introdução do computador pessoal em meados dos anos 70, seguido da Internet nos anos 90 são algumas das tecnologias que aceleraram a globalização. E, à medida que a Internet evolui, os seus utilizadores e utilização crescem e diversificam-se globalmente (Chen et al., 2008).

A massificação da Internet impulsionou a rápida transição da utilização de telemóveis para chamadas através da Internet - *Voice over Internet Protocol* (VoIP) - como o programa *Skype*, a partir do qual as pessoas podem fazer chamadas baratas ou gratuitas para outros computadores ou telefones em todo o mundo (Ritzer, 2010: 282).

A internet é global, ainda que a distribuição dos seus utilizadores não seja repartida igualmente. Além de existir virtualmente em todo o mundo, a Internet é produzida e mantida também pelos seus utilizadores. Não é apenas um recurso para o consumo, mas também um meio de ter acesso a oportunidades.

O grande fenómeno a que hoje se assiste é a natureza global das já conhecidas redes sociais *online* (*Facebook*, *Myspace*) onde as pessoas participam activamente, produzindo e partilhando informação e cultura. Os novos media, como o *Facebook* e o *Skype*, vão assim ajudar a impulsionar a globalização e corroer a homogeneização cultural (Subtil, 2003).

A globalização pode “ser uma porta de entrada para o avanço informacional, económico, cultural e social” (Cheng et al., 2008: 34). Dentro do avanço cultural e social, existe um aspecto importante na globalização que pensamos ser relevante neste estudo, a migração. Devido à globalização muitas mais pessoas estão interessadas em viajar, assim como estão bem informadas sobre os possíveis destinos, justamente pelo uso de tecnologias modernas que tornam a informação acessível e mais fácil de ser encontrada. A criação da União Europeia ajudou a reduzir também barreiras de comunicação. Logo, os desenvolvimentos tecnológicos

que tornaram as deslocações de pessoas e de fundos mais rápidos e mais fáceis tendem a incentivar e apoiar a migração. E por fim, a similaridade de língua e cultura entre os países também constitui um incentivo à migração (Ritzer, 2010).

Relações de Longa Distância (RLD)

A investigação produzida sobre RLD tem já 30 anos. Os trabalhos mais antigos reportam-se a uma fase em que as actuais tecnologias de informação e comunicação ainda não existiam. Daí que a revisão da literatura, sobretudo este último período em que as RLD se servem da CMC, seja mais recente.

Há cada vez um maior número de casais que a certa altura do seu relacionamento, têm que se separar fisicamente. Um estudo americano (Knox D, *et al.*, 2002) afirma que dentro da amostra de 438 estudantes universitários, 20% encontravam-se numa RLD e 37% admitiam já terem estado numa relação deste tipo. Um estudo mais recente (2005), na revista *Communication Research*, considera que entre 25% a 50% de estudantes americanos estão numa RLD, e que 75% deles já desenvolveram uma RLD, pelo menos uma vez na vida.

Seja por questões profissionais ou por programas de estudos académicos internacionais, as RLD dão-se devido à globalização e a factores sociais e económicos conexos, tais como o aumento de oportunidades de trabalho noutros países, os programas de estudos e estágios na Europa ou ainda quando suscitadas pelo aparecimento de relações criadas, elas próprias, *online*.

Existem várias formas de definir uma RLD: pela distância física (em quilómetros) a que o casal se encontra; definindo fronteiras, por exemplo entre diferentes estados (EUA) ou entre países (definição que observaremos); ou, de forma subjectiva, deixando que "sejam os intervenientes eles próprios a responderem se estão numa relação deste tipo" (Aylor, 2003: 130). Em suma, se o participante admitir "que o seu par está longe o suficiente que o impossibilite de o ver todos os dias" é identificado como alguém que está numa RLD (Maguire, 2007). Na pesquisa de Stafford (2005), *Maintaining long-distance and cross-residential relationships*, onde a autora avalia a natureza dos relacionamentos de longa distância, surge a directriz geral, que seguiremos aqui, que define que "relacionamentos são considerados de longa distância quando as oportunidades de comunicação são prejudicadas devido a parâmetros geográficos e os indivíduos dentro da relação têm expectativas de uma vida contínua juntos" (2005: 7).

Infelizmente, não existiam até agora investigações feitas com estudantes europeus. Com os programas de troca de estudantes como o *Erasmus*, *Erasmus Mundus* ou estágios internacionais pelo programa *Leonardo da Vinci* e também com a grande vantagem das viagens a baixo custo dentro da Europa, com a quebra das fronteiras, bem como a utilização de moeda única em 17 países da União Europeia, o intercâmbio de pessoas está relativamente simplificado e pode crescer mais ainda.

Outro factor que também importa ter em conta é a facilidade e rapidez com que a tecnologia de comunicação evolui, juntamente com a maior capacidade dos seres humanos para aprenderem a utilizá-la, tornando mais fácil e acessível a comunicação à distância (CD).

Meios de Comunicação

A comunicação é um “processo de troca e progresso de ideias para uma aceitação mútua da direcção ou propósito” (Kaul, 2006: 2). Não conseguimos não comunicar. A escola de Palo Alto defende que a informação deve poder circular e a sociedade de informação só pode existir sob a condição de cessarem as barreiras às trocas, sociedade esta que se pressupõe requerer a participação de todos. A partir desta visão circular da comunicação, tanto o emissor como o receptor têm papéis importantes no acto comunicacional. A comunicação é assim compreendida como um processo contínuo.

Os meios de comunicação são os instrumentos de armazenamento e de transmissão utilizados para o processo comunicacional. Se forem de Comunicação de Massa podem ser designados como *media*³. Os meios que não são *media* são considerados como fazendo parte da Comunicação Individual ou Interpessoal, entre duas ou mais pessoas. A Internet é um híbrido entre Comunicação de Massa e Comunicação Interpessoal. Em todas as formas de comunicação são necessários três componentes: o emissor, a mensagem e o receptor. Os meios de comunicação mais antigos são o discurso, os gestos, o papel, as cartas e alguns meios de comunicação de massa tais como os jornais, as revistas, a rádio e a televisão terrestre, enquanto os meios de comunicação digitais são o cinema digital, os *websites* e os meios interactivos como os jogos de computador, jogos *online* e a televisão interactiva.

³ Modern Language Association (MLA): "media." Online Etymology Dictionary. Douglas Harper, Historian. Fevereiro de 2008 [1]

Diferentes meios de comunicação como a carta, o telefone ou a Internet foram explorados neste estudo, precisamente porque estes “diferentes meios permitem enquanto meios técnicos abrir possibilidades novas para pensar de outra forma” (Subtil, 2003: 13), por outras palavras, dão-nos a hipótese de ir mais além enquanto comunicamos à distância.

Novos *Media*

Um novo *media* ajuda a transcendermo-nos como seres humanos. Quando há um avanço tecnológico proporcionado por alguma forma de comunicação electrónica, nós recebemos um novo tipo de informação por via dessa mesma prática tecnológica aperfeiçoada e aceitamo-la, entendendo-a e utilizando-a quase de imediato, de forma “a atender às nossas necessidades” (Baym & Lin, 2004: 29). Os novos medias são globais e estão a ganhar terreno. Para os entendermos precisamos considerar a tecnologia, nos seus aspectos pessoais e culturais (Baym, 2010). Os novos *media* tornam-se mais flexíveis no trabalho, mais fáceis de transportar e com maior capacidade de armazenamento de informação. O *iTunes*, *Facebook*, *Twitter*, *Google*, *Skype* são alguns exemplos.

Os novos meios de comunicação influenciam e quebram o espaço e o tempo passando estas experiências a serem relativas porque, para além de estarem em constante (r)evolução, permitem-nos mobilidade e aumento das nossas capacidades comunicacionais. O nível de tecnologia dos meios de comunicação influencia o modo de pensar e agir de uma sociedade (Subtil, 2003). No presente, temos uma noção de colectivo mais abrangente: “os novos meios são novas codificações de experiências colectivas alcançadas por novos hábitos de trabalho” (Marshall McLuhan, 2001). No século XXI beneficiamos do acesso “on-demand” a conteúdos a qualquer hora, onde quisermos e em qualquer dispositivo digital. Ganhamos consciência da relevância de conceitos como globalização, manipulação, interactividade e digitalização. O nosso planeta está cada vez mais ligado tecnologicamente, nele tudo se torna disponível na Internet, que abrange e unifica conteúdos e onde cada utilizador pode ser produtor e consumidor de informação (Ritzer, 2010).

Comunicação à Distância (CD)

No passado, a CD fazia-se a partir de telegramas e cartas, mas o tempo de espera era longo. Mais tarde, passou-se para o telefone e depois para o telemóvel, e este último deu-nos mobilidade nas comunicações.

Agora é-nos apresentado um leque variado de comunicação mediada por computador (CMC), a partir do qual não só podemos escrever *e-mails*, estar em permanente contacto partindo de alguns programas de mensagens instantâneas, como o *MSN* ou o *Facebook*, mas também ver a pessoa com quem estamos a conversar, apesar da distância, sendo esta a possibilidade tecnológica mais revolucionária.

Quando falamos através de meios digitais, estamos a comunicar com indivíduos, grupos ou até sociedades (Baym, 2010). Um dos factores determinantes para a escolha do meio de comunicação é a qualidade do mesmo. Segundo Merrill Morris (1996) em *The Internet as Mass Medium*, existem três tipos de comunicação, se atendermos à relação entre emissores/receptores ou produtores/audidores:

- a) Comunicação de “um-para-um”, liga uma pessoa a outra.
- b) Comunicação de “muitos-para-muitos”, feita a por vários emissores para outros tantos receptores.
- c) Comunicação de “um-para-muitos” i.e, o acto de transmissão de um emissor para muitos receptores e vice-versa.

Um-para-um	Muitos-para-muitos	Um-para-muitos
Telefone/telemóvel		
SMS		
<i>E-mail</i>	<i>E-mail</i>	<i>E-mail</i>
Redes Sociais	Redes Sociais	Redes Sociais
Mensagens Instantâneas		Mensagens Instantâneas
<i>Webcam</i>		Webcam
		Blogs

A **CMC** é uma vida de interacção comunicacional que utiliza sistemas expressivos (gráficos, textos, vídeos e fotografia) tendo por base dispositivos de computador de emissão e recepção, ligados em rede. Deve ser vista como uma nova modalidade que combina elementos de comunicação “cara-a-cara”, com elementos de comunicação escrita.

Já o vídeo mediado por computador (**VMC**) é um tipo de comunicação que incorpora o vídeo, nomeadamente programas como o *Skype*, onde é utilizada uma *webcam* para que a comunicação se possa desenvolver. É necessário diferenciar meios de comunicação baseados em texto, áudio e vídeo devido às suas características únicas, como defende Yin (2009) que estudou o papel dos diferentes meios de comunicação na manutenção das RLD's e a sua relação com as formas de apoio pessoal que cada meio providencia.

No estudo de Baym e Lin (2004) “Social Interactions across Media: Interpersonal Communication on the Internet, Face-to-Face, and the Telephone” concluiu-se que nas interações a longa distância é mais provável que se utilize a internet do que o telefone.

Muitas das investigações de CMC preocupam-se em tentar saber como as características técnicas influenciam o que é possível transmitir através de cada meio. Estas características são, por exemplo, a riqueza das pistas que um certo meio transmite, sejam elas apenas textuais, visuais ou ambas, e o tempo em que a comunicação decorre, se é síncrona ou assíncrona (Mantovani, 2002). O baixo custo da utilização de CMC e a utilização de múltiplos tipos de media ajudam a reduzir as limitações da comunicação à distância. Devido a uma “comunicação restrita e uma separação geográfica um indivíduo que esteja numa RLD vai apoiar-se mais na CMC”, afirma Aylor (2003: 133).

De acordo com Mantovani, a CMC não só dá “apoio emocional como intensifica a comunicação entre as pessoas” (2002; 229). O estudo de Arditti & Kauffman (2004) mostra a importância da tecnologia da comunicação para os participantes se sentirem ligados. A CMC tem vindo a “provar ser uma ferramenta valiosa para iniciar, manter e desenvolver relações” (Rabby M. & Walther J, 2003: 142). A CMC pode diminuir a solidão e aumentar os sentimentos de aproximação, de satisfação e confiança na relação, enquanto acalma os sentimentos de suspeita e ciúme, afirmam os estudos de Aguila (2009) e Neustaedter & Greenberg (2011). Os aspectos práticos não são também indiferentes. Parece ser essencial para os casais em RLD saberem como melhorar os seus conhecimentos na utilização de programas de áudio e vídeo (Yin, 2009). Com a massificação da internet e o surgimento de novas tecnologias, esses casos são impulsionados.

Em relação a limitações encontradas na CMC, há actividades de comunicação não-verbais que são perdidas (Rabby M. & Walther J, 2003; Farrell, 2009; Baym, 2010; Neustaedter & Green, 2011), como por exemplo não ser capaz de ver o parceiro e a sua expressão facial, a direcção do olhar, a postura, o vestuário, a aparência física e a proximidade, e muito menos entrar em contacto físico. As desvantagens podem também passar pela possibilidade de distração e a má interpretação de silêncios e de algumas palavras. Outra dificuldade comum em muitas das CMC passa pela qualidade da tecnologia e da ligação em si: bateria fraca ou nula, má conexão de rede ou internet. Problemas técnicos no som ou na imagem do programa utilizado, podem igualmente dificultar a comunicação entre o casal.

Telefone/Telemóvel

O telefone é o meio de comunicação mais comum dentro das telecomunicações. A invenção do telefone deveu-se a Alexander Bell por volta do ano 1870. Um dos objectivos do telefone fixo era a aproximação das pessoas e a diminuição do isolamento. O telemóvel traz mobilidade e significa que podemos ter conversas que passam para o espaço público, onde quer que estejamos (Baym, 2010).

No estudo de Aylor (2003), mediu-se a ligação, manutenção e stress em relacionamentos de longa distância, tendo os participantes revelado que apenas o telefone contribuía positivamente para a satisfação na relação. No entanto, nesse mesmo estudo, não foram considerados canais de vídeo mediado por computador (VMC). Já Yin (2009), que estudou como o uso dos diferentes meios de comunicação estariam relacionados com as formas de apoio social em RLD, concorda e acrescenta que não só a frequência do telefonema mas também o uso de *webcam* estariam correlacionados positivamente com a satisfação na relação. Em Portugal, o Instituto Superior Técnico (IST) e o Instituto de Telecomunicações (IT) desenvolveram um estudo no ano lectivo 2010/2011 sobre os "Telemóveis e os jovens: utilizações e preocupações", e concluíram que o telemóvel "é quase omnipresente na vida dos jovens" visto que 95,5% dos 2471 alunos inquiridos possuíam um telemóvel. E, sendo jovens, é de esperar que utilizassem o telemóvel para comunicarem com a família, amigos e em relações amorosas.

SMS

SMS (*Short Message Service*) é o serviço de mensagens curtas de texto disponíveis em telemóveis. Neste caso a comunicação é “assíncrona porque o remetente da mensagem e o receptor podem não estar conectados ao mesmo tempo” (Aylor, 2003: 143). No estudo de Neustaedter e Greenberg (2011), os participantes em RLD reconheceram utilizar este tipo de serviços para tratar de pequenas questões e dirigir felicitações durante o dia, de modo a manterem o contacto.

O estudo do IST e do IT, referido anteriormente, também conclui que os jovens portugueses enviam mais de 100 mensagens SMS, em média, por dia, através do telemóvel. O elevado número de mensagens enviadas em Portugal deve-se ao facto dos fornecedores de serviços de telecomunicações oferecerem pacotes com mensagens grátis por mês que diminuem o custo do serviço e fazem aumentar a sua utilização. No entanto, estes tarifários reduzidos não estão disponíveis no serviço internacional⁴, desencorajando o envio de SMS nestes casos. Ao nível das limitações existentes, na utilização deste tipo de comunicação, como qualquer outro que recorra ao texto, pode sofrer com o uso excessivo de abreviaturas ou a má gramática (Baym, 2010).

E-mail

O *e-mail*, correio electrónico em português, é o meio de envio de mensagens digitais de um-para-um ou de um-para-muitos. É um tipo de comunicação assíncrona e podemos afirmar que evoluiu a partir do fax (Luckett, 1973). Para a comunicação se dar, ambas as partes, emissor e receptor, devem ter uma conta de *e-mail*. Nos *e-mails*, além da mensagem textual, podem ser incluídas hiperligações e ficheiros em anexo.

Há três anos atrás, o número de contas de *e-mail* em todo o mundo ascendia aos 2,9 mil milhões e 23% de todos os utilizadores situavam-se na Europa⁵. Em Portugal, em 2012, 60% da população com idades entre 16 e 74 anos usou a Internet e 35% dos mesmos acederam à Internet no telemóvel⁶.

A partir do projecto *Survey 2000* do site da *National Geographic Society*, que atraiu correspondentes de 178 países, constatou-se que o contacto com familiares e amigos que estavam longe se dava sobretudo através do *e-mail*, sendo este mais

⁴ Informação no site oficial da Vodafone [2]

⁵ Email Statistics Report, Sara Radicati, PhD, 2010

⁶ Instituto Nacional de Estatística, INE/UMIC, 2012 [3]

popular que o telefone (Chen *et al.*, 2008). A utilização de *e-mail*, além disso, estaria positivamente correlacionada com o aconselhamento, orientação e as formas de apoio geradas entre duas pessoas (Yin, 2009).

Mensagens Instantâneas (MI)

Também baseadas na Internet, as Mensagens Instantâneas (MI) ou *chats*, oferecem um serviço rápido de envio e recepção de mensagens. Sendo um tipo de CMC, as MI funcionam de forma síncrona pois ambas as partes se exprimem ao mesmo tempo. Serve igualmente a comunicação de um-para-um como a comunicação de um-para-muitos, na medida em que existem formas de adicionar mais do que uma pessoa à conversa. Programas de Mensagens Instantâneas mais avançados já permitem a utilização de chamadas ou vídeo-chamadas, assim como a partilha de ficheiros.

As MI estão a ganhar popularidade entre os utilizadores, principalmente na camada mais jovem (Lipschultz & Musser, 2006). Em 2010, estimava-se haver cerca de 2,4 mil milhões de contas de mensagens instantâneas em todo o mundo⁴.

Mas existem mais inovações. O *WhatsApp Messenger* é uma aplicação de mensagens instantâneas para *smartphones*. Além de mensagens de texto, os utilizadores podem enviar imagens, vídeos e mensagens de áudio. O *Voxer* é uma aplicação móvel conhecida pela sua utilização grátis de *Walkie Talkie* para *smartphones*.

Redes Sociais

Uma rede social é uma estrutura que une em termos comunicacionais um conjunto de actores, indivíduos ou organizações. Num primeiro momento, a comunicação nas redes sociais começou por ser assíncrona, porque o sujeito podia deixar uma mensagem ou recado que só mais tarde seria lido. Actualmente, muitas redes sociais já permitem a comunicação síncrona.

O *Facebook*, uma das mais conhecidas redes sociais online, foi fundada em 2004 por Mark Zuckerberg. Em Setembro de 2012, o *Facebook* tinha mais de um milhar de milhão de utilizadores⁷. No estudo de Neustaedter e Greenberg (2011) os participantes envolvidos numa RLD utilizavam as mensagens privadas do *Facebook* para partilhar histórias e apontamentos engraçados ou pertinentes para o casal. O sucesso da rede social *Facebook* como ferramenta para manter uma relação vem da sua flexibilidade, uma vez que possibilita tanto a actualização de *status* para todos,

⁷ *The Wall Street Journal*, Geoffrey A. Fowler. Outubro 2012 [4]

como usos mais selectivos e direccionados, através de mensagens pessoais (Baym, 2010).

Webcam

A *webcam* consiste numa câmara de filmar ligada ao computador que transmite imagem e som em directo. A partir de um programa ligado à Internet podemos ver e ser vistos, o que na comunicação entre casais em RLD é privilegiado.

Num estudo já citado, Neustaedter e Greenberg (2011) investigaram a forma dos casais passarem tempo juntos ou praticarem algum tipo de actividade a partir da *webcam*. Da sua observação, conclui-se que o vídeo oferece uma oportunidade única para a intimidade, uma sensação de presença e até mesmo de interação que até aqui não era possível com outros meios de comunicação. Este tipo de ligação visual vem reintroduzir as expressões não-verbais na comunicação (voltamos a ser capazes de ver os parceiros e as suas expressões faciais e gestuais). Contudo, no mesmo estudo, Neustaedter e Greenberg encontraram também obstáculos contextuais (a diferença da hora geográfica), técnicos (limitação de movimentos, a qualidade do som e da imagem) e pessoais (o à vontade e o sentido de oportunidade) na comunicação entre casais em RLD.

O *Skype* foi criado em 2003 por um grupo de estónios, noruegueses e suecos que desenvolveram uma plataforma que conta agora com mais de 600 milhões de utilizadores e que desde 2011 é propriedade do gigante *Microsoft*. Este serviço permite que os utilizadores comuniquem simultaneamente por voz usando um microfone, por imagem usando uma *webcam*, e através de mensagens instantâneas. As chamadas para outros utilizadores dentro do serviço *Skype* têm ainda a vantagem de ser gratuitas, enquanto as chamadas para telefones fixos e telemóveis são cobradas por meio de um sistema de débito.

Novas e Velhas Formas de CD

Dentro dos estudos sobre comunicação em RLD, encontrámos a investigação de Yin (2009) que explora o modo como os diferentes meios de comunicação são usados para fazer chegar apoio em RLD. Segundo esta autora e de acordo com a sua observação de 2009, a média de utilização de comunicação via telefone, mensagens do telemóvel e mensagens instantâneas foi “muitas vezes

por semana”; a média de utilização de *e-mail* foi “duas ou três vezes por mês” e a de comunicação via *webcam* foi menos de “uma vez por semana”. No entanto, é preciso ter em conta que o contexto estudado por Yin é o Norte Americano e que na Europa, alguns anos depois, a utilização de telefone e do telemóvel entre diferentes países pode não ser tão frequente devido aos preços praticados em *Roaming* pelas redes de telecomunicações e porque, com o avanço das tecnologias, a forma mais normal de se manter em contacto com alguém passa pela utilização da Internet, nomeadamente o VMC. A própria Yin já admitia que os canais mediados (CMC) precisariam de ser investigados por aquilo que representavam enquanto conjuntos de novas oportunidades para a comunicação.

Constrangimentos na Comunicação à Distância

A Internet veio facilitar as comunicações e também quebrou as suas barreiras mais tradicionais, como o tempo e espaço. A CD tornou-se mais fácil e acessível, mas mesmo assim não deixam de existir dificuldades ou limitações na transmissão de mensagens.

A investigação de Jenny Farrell (2009) examina essas limitações encontradas em RLD e como os indivíduos as gerem. Farrell, a partir de entrevistas semi-estruturadas, revela existirem constrangimentos internos que são aqueles cujas causas podem ser identificadas dentro dos indivíduos ou da relação, e constrangimentos externos que são os que provêm do meio envolvente e que não têm origem no indivíduo ou na relação. Os onze constrangimentos internos encontrados na comunicação em RLD são⁸:

- “Mediação da Comunicação” - A comunicação através de meios de comunicação por si só, como o telefone, SMS e *webcam*, pode influenciar a comunicação visto existirem pistas que se perdem ou se ganham com a escolha dos meios;
- “Evitação” - São evitados conflitos, discussões ou temas mais sensíveis ao telefone, porque as conversas podem ser facilmente mal interpretadas ou difíceis de resolver sem ser presencialmente;

⁸ Em original: *Mediated Communication, Avoidance, Talk Habits, Physical Absence, Emotions, View of Outsiders, Uncertainty and Expectations, Effort, Notions of Distance, Visits, Miscellaneous, Schedules, Social Network, Finances, Technology and Miscellaneous.*

- “Hábitos de Conversação” - A maneira habitual dos elementos do casal comunicarem entre si, incluindo a frequência, a duração e os tópicos de conversa variam consoante as pessoas;
- “Ausência Física” - A falta de contacto físico e de proximidade limita o apoio mútuo e influencia a relação;
- “Emoções” - Fortes emoções e sentimentos podem estimular os indivíduos a reagir de maneira inesperada em determinadas situações ou conversas, e a distância dificulta a forma de lidar com essas mesmas emoções;
- “Interferência de Terceiros” - A reacção do casal à presença de terceiros e à sua possível interacção com um dos parceiros, pode ser tido como saudável ou, por outro lado, uma invasão da privacidade;
- “Incerteza e Expectativas” - A insegurança sobre a relação pode tornar os indivíduos expectantes relativamente ao futuro, assim como o facto de não saberem o que pode ou não ser discutido sobre a relação em si;
- “Esforço” - Sentir um desequilíbrio de esforços entre si e o seu parceiro pode pôr em risco a relação pois um dos elementos do casal sente que trabalha mais para comunicar e manter a relação;
- “Noções de Distância” – A maneira como o casal vê e interpreta o que é estar numa RLD e como a vive, em comparação com situações em que a relação é de proximidade geográfica;
- “Visitas” – Nas situações de visita, o casal deposita muita pressão sobre si próprio para tornar esses dias divertidos, emocionantes e memoráveis;
- “Diversos” - Por exemplo, falar inglês como segunda língua, pode igualmente levar a erros de interpretação.

Existem ainda cinco constrangimentos externos:

- “Agendas” - Atritos podem ocorrer no relacionamento quando os parceiros comparam as agendas, de modo a poderem comunicar e programar visitas;
- “Rede Social” - Os amigos, os familiares e os companheiros de casa, podem influenciar e distrair os parceiros, na medida em que um dos elementos do casal pode estar menos à vontade com essa perda de privacidade;

- “Despesas” – Existem limites financeiros pelo facto inevitável de se ter que gastar dinheiro em comunicações e em viagens de modo ao casal poder estar junto;
- “Tecnologia” – A tecnologia é a ferramenta que possibilita a comunicação em RLD. Se esta não funcionar na sua plenitude inibe a comunicação do casal. Má recepção de rede do telemóvel ou da internet no computador são problemas que limitam a comunicação;
- “Diversos” - Por exemplo, alguns problemas de saúde temporários podem dificultar que o casal comunique ou que viaje.

2. Documentário: breve nota histórica e prospectiva

As Origens

O documentário está ligado à própria invenção do cinema pelos irmãos Lumière, quando em 1895 criaram o cinematógrafo, uma câmara de filmar e projectar. Ao apresentarem ao público, nesse mesmo ano, o seu primeiro filme *L'arrivée d'un train en gare de La Ciotat*, os espectadores ficaram tão espantados como assustados pelas imagens e pelo efeito de realidade que elas transmitiam.

No entanto, e para a generalidade dos investigadores, os três fundadores do documentário são Robert Flaherty, Dzige Vertov e John Grierson (Penafria, 1999; Grierson, 2001; Winston, 2001; Nichols, 2002; Candeias, 2003; Aufderheide, 2007).

Robert Flaherty realizou “Nanook of the North” (1922), considerado a primeira grande obra documental e, nas palavras do seu conterrâneo John Grierson, o que fez foi “uma interpretação criativa da realidade”, pois na verdade, Flaherty encenou algumas das cenas de forma a tornar o filme mais dramático e romântico para o público (Moore, 2007). Ainda assim e segundo Grierson (2001), Flaherty cria os primeiros princípios para o documentário, ao estipular que o documentarista deve recolher o seu material no local e trabalhar com base no conhecimento aprofundado do terreno, mantendo-se atento e salvaguardando a distinção entre descrição e drama, duas formas diferentes de utilizar o cinema como representação da realidade. Não admira por isso que, a palavra “documentário” tenha sido aplicada pela primeira vez por Grierson, em Fevereiro de 1926, numa crítica publicada pelo *New York Sun*, para designar o filme “Moana”, do mesmo Robert Flaherty, (Penafria, 1999; Winston, 2001).

Ainda na década de 20 do século passado, a introdução do som veio constituir um momento histórico marcante (Martins, 2001; Penafria, 2001). A possibilidade de adicionar uma banda sonora e comentários abriu novas oportunidades de realização, assim como elevou o interesse da audiência pelo cinema.

O próprio Grierson haveria de escolher uma abordagem mais moderna para o documentário. O muito referenciado filme de Harry Walt e Basil Wright “Night Mail” (1936), para o qual contribuiu como produtor e narrador, descreve a viagem de um comboio de correio entre Londres e Edimburgo/Glasgow, contudo, a forma como está editado destaca um lado poético das imagens, explorando a luz, o ritmo, o som e o movimento.

A época do *Cinéma Vérité*

Em França, por volta de 1960, surge um movimento que se diz caracterizar a verdade do cinema – *Cinéma Vérite* (Martins, 2001; Wintson, 2001; Nichols, 2002; Aufderheide, 2007), no qual o “cineasta e o dispositivo com todo o seu potencial de criação e intervenção, se encontram no centro do filme” (Martins, 2001; 307), ou seja, o cinema *vérité* pressupõe uma relação aperfeiçoada entre a câmara e aquilo que se observa e filma, porque o cineasta crê que consegue alcançar a verdade. A utilização de cenas muito longas, quase sem cortes, fazia com que os espectadores sentissem que estavam a assistir a algo que não tinha sido editado, logo, esse filme estaria muito mais perto da verdadeira realidade.

Na América, à comparação do cinema *vérité*, o chamado *Direct Cinema*, caracterizava-se por reduzir ao mínimo a edição e os acontecimentos serem gravados exactamente como aconteciam. O cinema directo “preocupava-se apenas com a gravação natural e orgânica” dos acontecimentos (Moore, 2007: 29). A edição “deveria aproximar-se tanto quanto possível da ordem real dos acontecimentos conforme filmados, os *takes* eram longos e os saltos (*jump-cuts*) eram um sinal de verdade enérgica na montagem” (Wintson, 2001: 44).

Na Inglaterra, o *vérité* tornou-se apenas uma questão de extensos *takes*, “sons de actualidade e uma certa frouxidão com as regras de *raccord*” (Wintson, 2001: 46). Entretanto na Rússia, Vertov já acreditava que a câmara e todas as suas habilidades eram mais fidedignas do que o olho humano. “Man with a Movie Camera” (1929) foi exibido a nível nacional, mas não foi apreciado pela generalidade do público (Wintson, 2001). No entanto, passou para a história como a sua obra-prima, precisamente pelo seu carácter provocativo. Ele “imaginou uma forma de filme que transcendeu as restrições da narrativa e storytelling naturalista” (Aufderheide, 2007; 44).

Entre os anos 20 e os anos 40 do século XX, o documentário foi também utilizado como propaganda, com a intenção de persuadir o público e de lhe sugerir determinadas ideias políticas. Leni Riefenstahl é um nome de referência. A estética por que ficou conhecida está presente nos seus trabalhos de propaganda para o Partido Nazi, como por exemplo *Victory of Faith* (1933) e *Triumph of the Will* (1935).

Das muitas definições do estilo documentário existentes escolhemos uma bastante universal e abrangente, datada de 1948, no *Brief Encounter*, que diz tratar-se de “todos os métodos de registo em celuloide de qualquer aspecto da realidade, interpretada quer por filmagem factual quer por reconstituição sincera e justificável, de modo a ser apelativa à razão ou à emoção, com a finalidade de estimular o

desejo e alargar o conhecimento e compreensão humanos, e uma colocação honesta de problemas e suas soluções nas esferas da economia, cultura e relações humanas” (Winston, 2001:42).

A partir de 1960, com o desenvolvimento da tecnologia, criaram-se equipamentos mais avançados que possibilitaram que as câmaras captassem imagem e som sincronizadamente (Wintson, 2001; Martins, 2001), ultrapassando deste modo um dos obstáculos que até aí se colocavam às formas mais realistas de cinema.

Os Projectos Etnográficos para o Cinema

O cinema etnográfico é um tipo de documentário utilizado pelos etnógrafos em investigações no domínio da antropologia visual que se foca nas sociedades humanas e nas suas culturas.

O documentário etnográfico emergiu nos anos 60 como uma ferramenta importante para a pesquisa em antropologia visual. Jean Rouch é um dos fundadores do género e transportou as questões do *Cinéma Vérité* para o documentário etnográfico, processo que o levou a reflectir sobre si próprio (Nichols, 2002). O tipo de documentário que desenvolveu favorece a auto-reflexão na medida em que dá uma certa liberdade ao realizador de, a partir das experiências e depoimentos de outras pessoas, representar o seu próprio ponto de vista.

Para Rouch já não era possível filmar apenas o acontecimento, seria necessário construir um discurso fílmico. O resultado não é apenas algo que possa ser transcrito, mas “uma criação cinematográfica de forma a entendermos as emoções, intelectos, desejos, relações e percepções mútuas dos participantes” (MacDougall, 1998:67).

Os antropólogos tentam mostrar precisamente o que é visto: “comportamento, rituais e tecnologia, enquanto o realizador se foca no que não pode ser visto” (MacDougall, 1998:121). Existe na antropologia um leque de assuntos que envolvem o corpo, tal como “o papel dos sentidos e emoções na vida social, e a construção cultural de géneros e identidade própria” (MacDougall, 1998:61) e que, só por si, podem tornar a imagem indispensável ao estudo de determinados temas.

Uma fonte de interesse da antropologia pela imagem reside na possibilidade de formas visuais, especialmente o filme e o vídeo, se tornarem meios antropológicos – “uma forma de explorar fenómenos sociais e expressar conhecimento antropológico” (MacDougall, 1998:63). A antropologia visual divide-se

em estudos da forma da cultura visual e na utilização de media visuais para descrever e analisar a cultura (MacDougall, 2006). Existe na disciplina um interesse documental que concebe a utilização da imagem de diferentes formas. Elas podem funcionar como material de apoio, recolhido durante o trabalho de campo, onde se procura objectividade e se tem uma postura distante, ou podem ser utilizadas para transmitir vários pontos de vista, numa postura de maior envolvimento do investigador, em que este se centra na história, nas relações e nos acontecimentos.

Temos portanto duas formas paralelas de conceber o cinema etnográfico. Uma instrumentaliza a imagem e torna-a um meio de recolha de informação ou de divulgação de conhecimento, a outra vê nas narrativas visuais uma maneira de ir além das palavras e transformar o cinema em processo e produto de investigação antropológica.

A Exploração de Elementos Ficcionalis

A narrativa de uma obra audiovisual pode ser real ou de ficção e tem como objectivo proporcionar informação no primeiro caso, ou emoção no segundo. Quando a narrativa é de ficção tem como objectivo provocar pensamentos e sentimentos. No caso do documentário, o que acontece é uma mistura dos dois, ou seja, pretende mostrar-se a realidade não-ficcionalada em profundidade e de igual modo de uma forma atractiva, de modo a provocar reacções (MacDougall, 1998; Penafria, 1999; Moore, 2007).

O documentarista tem a responsabilidade de estabelecer a diferença entre documentário e formas de produção de ficção ao fazer um tratamento criativo das imagens (Moore, 2007), mas também não pode ser uma mera reprodução das coisas, como acontece noutras formas de não-ficção, nomeadamente nalgum documentário etnográfico, conforme acima referido. A abordagem a um dado tema pressupõe que o realizador assuma um determinado ponto de vista.

Definições Contemporâneas

Na realização, o cineatra geralmente tem uma ideia política ou social que quer mostrar ou defender com o seu filme. Já no século XXI, “Super Size Me” e “Fahrenheit 9/11”, de Morgan Spurlock e Michael Moore, respectivamente, apontam o dedo à indústria de fast-food e aos esquemas dentro da política americana. Este é

um género actual particularmente popular porque transportou o documentário para o circuito comercial.

Hoje em dia, a base mantém-se: o documentário deve refletir os problemas e realidades do presente e colocar no ecrã “a vida e as experiências das pessoas” (Penafria, 1999: 52). Os documentários são “sobre” a vida real, não são a vida real (Aufderheide, 2007). Pode existir um toque do realizador ou até mesmo do editor, mas a verdade é que os documentários sempre serão uma representação honesta da experiência real de alguém. O documentário não é obrigado a seguir certas regras de estrutura ou objectivos “como os de noticiar, descrever, explicar ou publicitar” (Penafria, 1999: 25). O documentário oferece à audiência uma história profunda e analítica de um tópico (Penafria, 1999; Moore, 2007).

Em suma, o documentário consiste no apontamento da realidade que se desenrola num ambiente natural, onde os intervenientes reais se tornam em personagens e a base da acção é a sua vida mostrada sem artifícios (Candeias, 2003). Trata-se menos da questão de *como* as coisas aparecem no ecrã e mais de saber *porque* estão lá. Este meio assume formas de representação visual que permitem mais espaço para a opinião pessoal.

Direcções Futuras

Segundo alguns autores, os documentários caracterizam-se já hoje, pelo objectivo de um “total afastamento da tradicional ideia do maçador, aborrecido e pesado e tornam-se num género de grande interesse, popular e agradável” (Penafria, 1999: 77). O documentário encontra-se assim numa fase em que se “procura manter a audiência interessada através da dinâmica e variedade da edição” (MacDougall, 1998:209).

As novas tecnologias de captação e edição de imagem facilitaram e aumentaram significativamente a produção de novos documentários, ao mesmo tempo que novos géneros de documentário surgem a partir da necessidade que temos de nos exprimir e contar histórias. A evolução da tecnologia acrescenta a oportunidade de explorar a interactividade (Penafria, 1999), o que vem possibilitar um maior envolvimento das pessoas. A utilização do suporte digital permite um aumento do interesse na realização de filmes, “o que trouxe como consequência o aparecimento dos mais diversos tipos de experimentações (Freire, 2001: 164). O público está a tornar-se produtor e distribuidor de imagens e sons (Penafria, 1999; Freire, 2001; Martins, 2001), não só pelos meios que tem a seu dispor para a

produção de filmes, mas também pelas várias plataformas que passaram do cinema e da televisão para o computador.

Marcus Freire questiona-se “a partir de que critérios o cineasta mostra, sublinha, esconde os elementos que observa, uma vez que filmar significa escolher o quê, como e quando mostrar?” (2001: 163). Cabe ao realizador ter uma ideia concreta do que quer filmar e na montagem, este deve decidir onde colocar certas cenas de forma a criar um realidade mais fluida (Moore, 2007).

As circunstâncias em que os filmes produzidos por documentaristas são distribuídos e apresentados estão também a alterar-se (Penafria, 1999). Agora é mais fácil assistir-se a documentários nacionais e internacionais, seja na televisão ou em festivais de cinemas por todo o mundo.

Uma Tipologia de Documentário

De forma a pôr alguma ordem na infinita diversidade que é a do cinema realista, Nichols (2002), propõe uma classificação do documentário. São seis os tipos: o poético, o expositivo, o de observação, o participativo, o reflexivo e o performativo. O documentário **poético** (anos 20) representa fragmentos do mundo numa perspectiva poética mas demasiado abstrata; os filmes são fragmentados, impressionistas e líricos. O documentário **expositivo** (anos 20) orienta-se apenas para o tratamento de factos históricos, chegando a ser muito didático. Fala diretamente com o espectador, muitas vezes na forma de narração ou títulos, propondo um forte argumento e ponto de vista. O documentário de **observação** (anos 60) limita-se a observar e a gravar as coisas tal qual como elas são e não contém uma história nem se alarga na descrição de um contexto. Os documentaristas tentam de forma simples e espontânea observar a vida vivida com um mínimo de intervenção. O documentário **participativo** (anos 60) baseia-se em entrevistas ou interações com os sujeitos e é muitas vezes acusado de ser excessivamente intrusivo e ingénuo. Acredita-se que é impossível não influenciar ou alterar os eventos que estão a ser filmados. O documentário **reflexivo** (anos 80) questiona a forma do documentário em si, sendo que por vezes, se torna muito abstrato. Os filmes deste género chamam-nos a atenção para a sua própria construtividade e para o facto de que são representações da realidade. E por fim, o documentário **performativo** (anos 80) utiliza o discurso clássico em assuntos subjectivos, o que pode fazer perder a objectividade e estar demasiado ligado ao

estilo do realizador. Este último tipo de filmes é bastante pessoal, até poético ou experimental.

Assim, a definição de filmes documentais não é uma questão de factos, mas uma questão de contexto histórico. A única constante na definição de um documentário é a motivação – a procura da verdade pelo cineasta. Tudo o resto, incluindo o seu estilo, é dependente das expectativas, avanços tecnológicos e filosofias das respectivas eras do documentarista.

As RLD no Cinema

Embora seja um género cada vez mais visível dentro do circuito cinematográfico, a tarefa torna-se difícil ao procurarmos filmes que tratem do tema RLD. Ainda assim, numa pesquisa exploratória não exaustiva, deparámo-nos com três exemplos recentes. “Love Trips” (2010) de Carlo Pisani, retrata casais que têm de viajar para manter as suas relações, “+571” (2012) de Natalia Alzate fala sobre as RLD em geral e o uso de sistemas de comunicação, principalmente o telefone. “Distance Between” (2012) de Zhu Xiaowen, é uma instalação tripla de vídeo mais focada em determinadas características e benefícios da tecnologia mediada.

No entanto, dentro dos filmes de ficção comercializados que tratam do tema RLD e CMC encontramos “You’ve Got Mail” (1998) com Tom Hanks e Meg Ryan em que as suas personagens se apaixonam a partir da Internet, especificamente por troca de *e-mails*. “L’Auberge Espagnole” (2002) é uma comédia ligeira francesa que nos apresenta, precisamente, um grupo de jovens deslocados, a estudar em Barcelona, e as suas relações à distância e não só. “A Very Long Engagement” (2004) e “Atonement” (2007) retratam relações em plena 1ª e 2ª Guerras Mundiais, respectivamente, baseando-se no envio de cartas. “Going the Distance” (2010) é uma comédia com Drew Barrymore e Justin Long sobre RLD numa ponta e noutra dos EUA cujo meio de comunicação preferido é o Blackberry e “Like Crazy” (2011) que, de uma forma mais romântica, nos dá a conhecer a história de um jovem casal que por razões legais tem que viver em diferentes continentes.

O que se quis então apresentar com este projecto, para além do estudo sobre comunicação em RLD’s, foi um documentário com base em entrevistas e que por isso fosse o mais real possível, juntamente com imagens de um espaço e de um tempo passados longe de quem mais se quer. Deste modo, consegui, como realizadora, auto-expressar-me através dos protagonistas.

Metodologia

Começámos a pesquisa para a realização do nosso projecto com a Europa como fundo e os estudantes numa situação de RLD como protagonistas. No centro do continente, numa pequena cidade da República Checa, recolhemos depoimentos de jovens na sua maioria europeus, que estavam, quando começámos a desenvolver este trabalho, numa RLD e em que os parceiros estariam a viver em diferentes países. Foram consideradas as relações com seis meses ou mais de existência, isto para garantir alguma permanência e comprometimento da parte dos casais, como anteriormente foi feito em estudos sobre RLD (Arditti & Kauffman, 2004; Farrell, 2009). O que se quis averiguar foi a relação entre os jovens que estavam em diferentes países, não sendo necessariamente obrigatório o casal ser de diferentes nacionalidades.

Não é incomum estudar apenas um pessoa dentro deste tipo de relações (Arditti & Kauffman, 2004; Farrell, 2009). Arditti & Kauffman, por exemplo, afirmaram que dada a “natureza exploratória deste tema, o presente estudo só se foca na experiência de um dos parceiros da relação” (2004: 6). Abordar uma das pessoas isoladamente pareceu-nos, também a nós, ser a forma de garantir uma maior naturalidade e à vontade para o relato das experiências em RLD, dado que o que quisemos valorizar foram as experiências subjectivas dos indivíduos. Por outro lado, acompanhar os pares e ter o ponto de vista do outro elemento do casal teria exigido recursos que não estariam ao nosso alcance.

Este nunca teve a pretensão de ser um estudo comparativo entre comunicação face a face e comunicação mediada, portanto, tivemos em conta se a relação nasceu *online* ou fisicamente, mas esse aspecto não foi corelacionado com outros aspectos da relação. As relações que seleccionámos para este estudo podiam ter começado *online*⁹ mas, para que fizessem parte do projecto, teriam que ter passado por um tempo de convivência e relação face a face. Pareceu-nos igualmente importante à partida considerar outros factores que podiam influenciar a comunicação e os seus meios, nomeadamente, o tempo da relação em longa distância, a nacionalidade e a cultura dos membros do casal.

Na maneira como pensámos a observação e a recolha de depoimentos das RLD, foi útil considerar os constrangimentos internos e externos estudados por

⁹ Com o aumento de websites de encontros online e da utilização de redes sociais, este tipo de relação é cada vez mais comum - Quase um quarto dos casamentos americanos começam com o namoro on-line (Washington Post, Junho de 2013) [5]

Jenny Farrell (2009). Relembramos que constrangimentos internos podem incluir normas sociais e culturais ou efeitos emocionais de relações passadas. Questões pessoais, tais como expectativas relacionais e convicções políticas também podem restringir a comunicação do casal. Constrangimentos externos podem incluir influências da rede social, como a desaprovação da família e dos amigos. Responsabilidades, compromissos e leis que dizem respeito aos vistos e às restrições internacionais podem estar presentes enquanto limitações externas.

Dentro dos constrangimentos internos, decidimos não considerar e excluir deste projecto os domínios mais estritamente psicológicos e as componentes emocionais, tais como os que estão presentes na Evitação, Interferência de Terceiros, Incerteza e Expectativas, Esforço, Noções de Distância e Diversos. Diminuímos assim de onze para cinco os constrangimentos internos em análise: Mediação da Comunicação, Hábitos de Conversação, Ausência Física, Emoções e Visitas. Mantivemos todas os constrangimentos externos: Agendas, Rede Social, Despesas, Tecnologia e Diversos (Farrell, 2009: 6).

Constrangimentos Internos

Mediação da Comunicação

A CMC em si foi o tema base das perguntas que fizemos aos entrevistados, visto ser o principal meio de comunicação utilizado por pessoas que mantêm uma relação à distância, sobretudo quando se trata de jovens estudantes, que dependem largamente dos seus computadores pessoais e estão constantemente ligados à rede. Além disso, explorámos todas as formas de comunicação não presenciais, juntando às anteriores o telefone e os SMS. Em relação a umas e outras, preocupámo-nos em conhecer os diferentes graus de utilização, assim como as vantagens e desvantagens reconhecidas em cada meio.

Hábitos de Conversação

Se o participante fala muitas vezes com a/o companheira/o poderá ter conversas com menor significado ou, por outro lado, se não se falam o suficiente podem sentir-se desconectados da vida da outra pessoa. Tentámos por isso ficar a conhecer os temas mais comuns de conversação entre os casais e quais os horários e tempos do dia destinados aos contactos.

Ausência Física

O facto de os indivíduos, depois de separados, deixarem de ser capazes de partilhar actividades com a/o parceira/o restringe a comunicação, limitando a capacidade para construir novas memórias e encontrar novos assuntos de conversação (Farrell, 2009:59). Quisemos por isso saber que actividades partilham

os jovens quando separados. Será que as CMC, mais especificamente o VMC, facilitam as actividades conjuntas por se poder ver o parceiro?

Emoções

O ciúme, a dúvida, a solidão, a culpa, a raiva, o medo e a insegurança (Farrell, 2009) são sentimentos fortes que podem afectar a comunicação e como a/o parceiro reage. Estes sentimentos estiveram presentes? Que outros sentimentos podem ser observados?

Visitas

As visitas são consideradas das partes mais importantes na vida de alguém numa RLD. A questão é que estes momentos de contacto ganham uma importância maior e tornam-se objecto de muita pressão. Os indivíduos veem este tempo como precioso e escasso e por isso querem aproveitá-lo ao máximo (Farrell, 2009:74). Como correm as visitas no contexto destas relações, foi outra das nossas interrogações.

Constrangimentos Externos

Agendas

A organização da vida quotidiana, naquilo que à manutenção do contacto com o parceiro diz respeito, cria dificuldades de agenda para os sujeitos, tanto em termos de comunicação diária, como das visitas mais ocasionais. O trabalho, a escola e outras responsabilidades tornam o tempo para falarem um com o outro limitado. Tentámos, a este propósito, perceber como eram geridos e compatibilizados os horários do casal.

Rede Social

As redes sociais alargam-se e reestruturam-se durante as RLD. Passam a integrar novos elementos, colegas, amigos, companheiros de quarto, que se tornam companheiros do dia-a-dia. Como é vista a presença destes terceiros elementos, aquando da comunicação entre o casal?

Despesas

Especialmente quando falamos de estudantes deslocados, há um limite, à partida muito apertado, nos orçamentos e naquilo que se pode gastar. As RLD aumentam as dificuldades financeiras, é preciso controlar os gastos com as telecomunicações e planear equilibradamente as visitas. Geralmente, quanto mais longe estão mais têm que pagar para estar com os seus parceiros (Farrell, 2009:12). Quais são os estratagemas utilizados pelos jovens de modo a pouparem e terem dinheiro para ir ver o seu parceiro?

Tecnologia

As novas tecnologias eliminam algumas barreiras à comunicação, mas nem por isso a tornam completamente livre de constrangimentos. Constituem, sem dúvida, um conjunto de ferramentas que ajudam a conexão com quem nos é querido e se encontra longe, no entanto continuamos a depender de circunstâncias, como perder a rede no telemóvel ou ficar sem a ligação de internet no computador ou quando sentimos a frustração de não conseguir ter uma qualidade mínima para a comunicação. Os indivíduos têm por isso muitas vezes que fazer um maior esforço para falar com os seus pares. Farrell (2009) encontrou ainda uma outra limitação: a faceta síncrona que alguns programas possuem e que possibilita a comunicação múltipla, de um para muitos, facto que pode diminuir a atenção e gerar suspeita ou até mesmo ciúme. A tecnologia limita a comunicação? Em que momentos o indivíduo escolhe utilizar comunicação síncrona ou assíncrona?

Métodos em Investigações sobre RLD's

Existem dois tipos de metodologias utilizadas por quem estuda este tema: inquéritos por questionário e entrevistas presenciais.

Os inquéritos são a maneira mais rápida de obter respostas e a mais usada na maior partes dos estudos (Rumbough, 2001; Knox, Zusman, Daniels, Brantley, 2002; Yum & Hara, 2005; Maguire, 2007). Os questionários via Internet são considerados fáceis de preencher, com liberdade suficiente para deixar o entrevistado responder quando quiser e de baixo custo para o investigador. No entanto, há pouco controlo na credibilidade das respostas e falta apoio aos entrevistados que, se confrontados com dúvidas ou dificuldades, podem cometer erros e diminuir drasticamente a qualidade das respostas.

Já as entrevistas presenciais oferecem oportunidades ricas de aprofundamento das questões e do conhecimento das experiências destes estudantes (Arditti & Kauffman, 2004; Yin, 2009; Farrell, 2009; Neustaedter & Greenberg, 2011). Neste caso, há uma maior proximidade para esclarecimento de dúvidas ou desenvolvimento de ideias, num contexto e ambiente controlados. As desvantagens passam pelo tempo mais demorado para realizar todas as entrevistas necessárias e ainda algum efeito que o entrevistador possa ter no entrevistado. A recolha de imagens torna o processo ainda mais complexo. Filmar requer um tempo maior, uma vez que não se trata apenas de gravar as vozes, há preocupações

estéticas como os enquadramentos, a escolha dos lugares e há que seduzir os entrevistados para permitirem o registo.

Arditti & Kauffman (2004) investigaram, através de entrevistas em profundidade, o modo como indivíduos numa RLD tentavam vencer as distâncias e construir espaços de partilha para as suas experiências emocionais. Foram utilizadas entrevistas abertas, em profundidade, de modo a permitir que os participantes falassem com as suas próprias palavras, nas suas perspectivas, sobre aspectos importantes da relação. Assim, como o presente estudo tem como objectivo perceber a experiência comunicacional de uma das partes da relação, foi escolhida esta forma de inquérito utilizada por Arditti & Kauffman. Além de, como referido anteriormente, beneficiarmos do caso específico da investigadora fazer parte do objecto de estudo. A verdade é que estava, no momento da investigação, a fazer *Erasmus* na República Checa, a viver longe do meu parceiro, pela terceira vez, por isso, numa situação em comum e favorável para entrar em contacto com os participantes e assim tornar a conversa e partilha mais fáceis e abertas. Pude constatar, ou pelo contrário, declinar algumas das minhas ideias pré-elaboradas, durante as entrevistas sobre a temática comunicação em RLD.

Entrevistas Qualitativas

Metodologicamente, o trabalho desenvolvido integra-se num conjunto de estratégias de investigação habitualmente designadas por qualitativas, pois, tendo em conta que se pretende investigar reacções e comportamentos humanos, os dados recolhidos ocorrem sob a forma de palavras, e neste caso de imagens, em vez de números, sendo significativamente influenciados pelo contexto em que ocorrem, ou seja, os participantes falam das suas experiências por se encontrarem, no momento do estudo, numa situação única em que podem falar na primeira pessoa, sobre um certo tema.

A entrevista semi-estruturada¹⁰ é uma das técnicas de inquérito por entrevista mais utilizadas neste tipo de investigação, pois permite a recolha de opiniões e ideias dos entrevistados sobre um determinado tema, deixando-lhes maior grau de liberdade para desenvolverem os seus raciocínios. Este tipo de entrevista é o mais apropriado, porque funcionando com guiões flexíveis, possibilita a modificação da estrutura da entrevista consoante as respostas do entrevistado. A

¹⁰ Chamada também de entrevista semi-directiva, “esboçada”, “de grelha”, entrevista com guião, centrada ou focalizada

forma de condução deste tipo de entrevistas é, depois de formuladas as perguntas, deixar o sujeito falar como entender, cabendo ao investigador intervir sempre que o entrevistado se afasta demasiado dos temas propostos ou quando lhe parece que um ou outro assunto merece ser mais aprofundado.

Uma entrevista por si só não é apenas fazer perguntas mas sim obter respostas. Deve ser encarada mais como uma conversa, de modo a deixar o entrevistado à vontade e assim responder de uma forma calma e verdadeira. Os investigadores qualitativos esperam que as experiências dos entrevistados resultem em palavras e ideias que “só podem ser expressas por alguém que já esteve ou actualmente está numa determinada situação” (Farrell, 2009: 28). Neste caso, foram indivíduos que estavam, ao tempo da investigação, uma RLD.

O produto final foi um documentário, por isso, em vez de apenas se gravar a voz dos depoimentos, juntámos a gravação de imagens das entrevistas, que mais tarde foi editada de modo a que as respostas às nossas interrogações pudessem ter uma leitura de conjunto e expor as concordâncias e discordâncias dos pontos de vista e experiências que nos foram expressos.

Procedimentos Metodológicos Gerais

O trabalho sobre os dados é qualitativo quando as palavras ou as situações são analisadas em função dos seus significados. A fonte primária dos dados qualitativos deste estudo é a auto-expressão das próprias pessoas, que, através das entrevistas, nos falaram das suas experiências. A metodologia qualitativa é intensiva, interpretativa e leva-nos à compreensão dos fenómenos, neste caso da comunicação em RLD.

Após selecionado o tipo de investigação e a nossa pequena amostra intencional, o passo seguinte foi a elaboração do guião da entrevista que se anexa (Anexo C – Guião). O local da realização da entrevista foi previamente combinado com os entrevistados, existindo a preocupação de evitar que houvesse algo ou alguém a condicionar a forma como estes respondessem às questões colocadas.

Os sujeitos foram convidados a realizar a entrevista, tomando conhecimento da necessidade de a mesma ser gravada e transcrita. A transcrição feita não foi uma “transcrição escrupulosa de monólogos improvisados” (Poirier *et al.*, 1999:63), ou seja, integral, porque a investigadora tinha a noção do que era importante registar, fundamentalmente as ideias, as opiniões e factos transmitidos e menos a forma

como eram expressos. A transcrição das entrevistas pode ser consultada em Anexo D – Entrevistas.

Mesmo assim e para preparar a edição das imagens e a estrutura do documentário, procedeu-se a uma pré-análise de conteúdo, utilizando notas nas margens de texto que, por um lado, esclarecem o sentido da narrativa e, por outro, situam e revelam a sua organização por categorias (Poirier *et al.*, 1999). De seguida estabeleceu-se um sistema temático de organização dessas mesmas notas, chamado de *Léxico-thesaurus*. Este é um “inventário lexical organizado que recenseia, reagrupando-os em torno de uma palavra-base temática” (Poirier *et al.*, 1999:115). Assim, uma coluna continha a rubrica temática e a outra o levantamento de palavras-chave.

A escolha da forma documental

O tipo de documentário que decidimos realizar foi o participativo. Mais do que observar, a investigadora fez parte integrante, ainda que subtilmente, deste documentário por se encontrar na situação da proposta de trabalho, ou seja, ser estudante, numa RLD. A verdade é que numa investigação com recurso à imagem tudo está ligado: “o assunto é parte do realizador e o realizador parte do assunto. Filme, realizador e assunto estão ligados e ao mesmo tempo destinados a separarem-se” (MacDougall, 1998:30). O assunto parte do realizador, pelo interesse, curiosidade e envolvimento com o tema, e este está directamente relacionado com o autor pois é este que decide como lhe dar forma.

Adoptamos e identificamo-nos com uma definição de documentário satisfatoriamente abrangente que englobe todos os sub-géneros, um misto entre Narrativa Real e de Ficção, em que, se por um lado se estuda com profundidade e autenticidade um certo tema, por outro, procura-se fazê-lo de uma forma apelativa, em que além de dar informação se pretende provocar sentimentos e fazer o público pensar sobre a temática tratada.

Uma das tendências no documentário contemporâneo, nomeadamente o televisivo, parece ser para reduzir a duração dos planos e, mesmo quando se trata de material de entrevista, manter as audiências interessadas no que vêem e ouvem. Por isso e para dar um maior dinamismo ao documentário, também neste caso houve a preocupação de incluir planos subjectivos, do espaço envolvente, assim como planos de corte e de ligação.

Tal como Bernard (2005) defende em *Research Methods in Anthropology*, procurámos desenhar as nossas conclusões a partir de um mapa em que figurassem todos os materiais que dispúnhamos, de modo a organizar o que queríamos comunicar através do documentário. Mais concretamente, o que fizemos foi construir um mapa com todos os possíveis planos, para melhor se perceber a quantidade e qualidade de material recolhido.

Se é verdade que em ficção, os diálogos estão preparados e por isso são coerentes, num documentário isso raramente acontece. Daí que se tenha sentido a necessidade de colocar legendas nas imagens, pois, como diz Macdougall, deste modo o público “começa a ver e a ouvir [informações] mais directamente” (1998:165). As legendas foram das últimas acções de realização antes de concluir este documentário. Antes disso, os planos foram escolhidos, as cenas cortadas e alinhadas, o som nivelado e as correcções de cor feitas. Posteriormente passou-se para a edição do conteúdo específico, depois a aprovação com a exportação do produto final.

A escolha da realização de um documentário no desenvolvimento deste projecto deveu-se, em primeiro lugar, a motivações pessoais. Além da forte empatia e ligação com o tema, a investigadora sentiu a necessidade de comunicar em forma de imagens, uma vez que estamos inseridos numa sociedade em que a comunicação visual parece ser cada vez mais eficaz e indispensável. Em segundo lugar, a investigadora quis proporcionar um espaço onde as pessoas pudessem ser elas próprias e dar corpo à voz pela qual expressam os seus sentimentos. As imagens ilustram a realidade, ainda que as entrevistas sejam “representações limitadas da perspectiva de alguém” (MacDougall, 1998: 117). A verdade é que os documentários nos oferecem uma variedade de técnicas (*cinéma vérité*, narração, elementos gráficos, sonoros e musicais) que nos ajudam a compreender a temática e o objecto investigado ou retratado. Em terceiro lugar, pela maior difusão e acessibilidade que, ao adoptar esta forma, o projecto e o conhecimento que através dele se procura criar sobre a comunicação em RLD, pode vir a ter no futuro.

Conclusões

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os principais resultados deste projecto sobre comunicação em RLD. Assim, tendo presente a revisão bibliográfica e com base nos dados recolhidos, através das entrevistas, dos pequenos questionários fornecidos aos entrevistados e dos documentos e fontes bibliográficas pesquisados, procurou-se analisar e refletir sobre os objetivos do estudo traçados inicialmente.

Neste estudo foi-se à procura de saber como os jovens estudantes utilizam as tecnologias de forma a comunicarem com os seus parceiros dentro de uma relação amorosa de longa distância (RLD), em particular, a utilização que fazem da comunicação mediada por computador (CMC). A pesquisa destes comportamentos privilegiou a vertente comunicacional, particularmente as qualidades e defeitos de cada um dos meios escolhidos pelos entrevistados para comunicarem, assim como os constrangimentos por eles encontrados na comunicação à distância.

Os resultados

Sete indivíduos participaram neste estudo (5 raparigas e 2 rapazes) com idades muito homogéneas, entre os 20 e os 23 anos. Todos eram estudantes de ensino superior. A idade dos parceiros estava dentro do mesmo escalão etário variando entre 19 e 23 anos. Cinco dos parceiros dos participantes eram estudantes, enquanto os outros dois trabalhavam a tempo inteiro. Todos, excepto um, namoravam com alguém da mesma nacionalidade e todos os parceiros viviam no país de que eram naturais.

Além das perguntas específicas sobre a utilização dos meios de comunicação, aos participantes foi também pedido que respondessem sobre há quanto tempo conheciam os seus parceiros; há quanto tempo estavam naquela relação e há quanto tempo esta era de longa distância (ver Anexo E – Quadro Participantes). As relações amorosas destes casais tinham durações variáveis, entre 7 meses e 5 anos.

Questionados sobre quais os meios de comunicação utilizados para falarem com os seus parceiros, todos responderam falar através do *Skype (Webcam)* e *Facebook (Chat ou Mensagens Instantâneas)*. No *Skype*, os participantes privilegiaram o ver e o ouvir, ver a cara e as reações do outro e, deste modo, estabelecerem uma comunicação que lhes pareceria mais próxima da comunicação face-a-face, igual à

que tinham quando se encontravam em casa. O *Facebook* foi distinguido pela rapidez e facilidade de utilização ao longo do dia, assim como pela possibilidade de transferência de texto, fotografias e música. As desvantagens identificadas no *Skype* e no *Facebook* passaram pela má qualidade e lentidão das conexões de internet, nos serviços fornecidos a partir da cidade de Brno, República Checa. Cinco dos sete entrevistados admitiram terem enviado cartas/postais, apesar de demorar muito tempo a chegar, o sentimento ao receber este tipo de *old media* é muito gratificante porque contém a caligrafia e o cheiro do parceiro, sendo portanto, muito pessoal e mais íntima.

Quando questionados com que regularidade falaram, os entrevistados responderam que o faziam todos os dias, mesmo que recorressem a outros meios de comunicação. Todos os entrevistados se encontraram com os seus parceiros, pelo menos uma vez, durante a sua estadia no estrangeiro. Inclusive, três desses sete encontraram-se três vezes ou mais num espaço de cinco meses de separação.

Meios de Comunicação utilizados na RLD

Telefone/Telemóvel

Os nossos participantes reportaram a não utilização do telefone ou do telemóvel para comunicarem com os seus parceiros, excepto, num único e primeiro momento em que não tinham ainda acesso à internet e necessitavam efectivamente de contactá-los. Isto aconteceu também devido ao elevado custo das telecomunicações internacionais deste género.

SMS

O uso de SMS na sua forma tradicional foi raro nos jovens que observámos. De novo, o elevado custo do envio de SMS no contexto internacional leva a que este serviço tivesse sido muito pouco utilizado. Só o foi através de serviços de SMS online grátis, que podem demorar mais tempo a efectivar-se mas, por serem grátis, compensam o tempo gasto, e são um meio de recepção e resposta quase imediata.

E-mail

O *e-mail* não é muito popular, dentro das RLD, por ser considerado pouco pessoal e assíncrono. A não ser que o casal não encontre tempo para falar directamente e, então aí, escolhe este tipo de comunicação, devido, precisamente, à sua faceta assíncrona.

MI

As MI são extremamente utilizadas entre os casais em RLD, sendo usadas todos os dias, tanto para dar pequenas novidades e saudações, como para conversas mais longas. A maior parte dos jovens está constantemente ligada à internet, por isso

este meio é tão útil, como de fácil acesso. O serviço de mensagens instantâneas mais popular é o fornecido pelo *Facebook* e, em segundo lugar, vem a aplicação do telemóvel *WhatsApp*.

Redes Sociais

Esta investigação veio corroborar que o *Facebook* é a rede social mais usada pelos jovens, inclusive quando se encontram numa RLD. As suas necessidades e estilos de vida, já fazem com que grande parte do dia-a-dia destes jovens esteja ligado à internet, portanto, não é de estranhar que as circunstâncias amorosas reforcem a sua utilização desta rede social. Neste estudo, os participantes disseram que utilizavam bastante o sistema de mensagens privadas para comunicarem com os seus parceiros, pela sua rapidez e facilidade.

Webcam

A *webcam* é o meio de comunicação de eleição dos participantes deste estudo, nomeadamente a aplicação *Skype*, que é extraordinariamente comum e útil entre os jovens, e pode ser usado durante longos períodos de tempo. Os indivíduos em RLD privilegiam muito o VMC porque podem ver a cara e as reações do outro e por se parecer mais com a comunicação que tinham em casa, apesar da ausência de contacto físico e da impossibilidade de sentir o outro através do toque e do cheiro. Este é, mesmo assim, o meio mais próximo da realidade, e é isso que o torna tão popular.

Outros Meios de Comunicação

Estivemos atentos a outros tipos de comunicação e à possibilidade de meios diferentes das CMC poderem surgir como importante durante o desenvolvimento desta investigação, nomeadamente, o envio de cartas e postais. Neste estudo, observámos várias situações em que os jovens enviaram cartas e postais aos seus parceiros, e sentiram gratificação e felicidade ao enviar e receber algo mais pessoal e privado.

Constrangimentos em RLD

- Constrangimentos Internos

Mediação da Comunicação

A comunicação mediada geralmente ocorre em situações de distância e face à falta de oportunidades para comunicar presencialmente. Os indivíduos numa RLD dependem bastante da comunicação mediada para manterem essas mesmas relações durante o tempo que dura a separação física. A *webcam* (*Skype*) é o meio de comunicação preferido e mais utilizado porque os indivíduos se sentem mais

perto do parceiro e podem vê-lo, embora lamentem a falta do toque e do cheiro. O *Facebook* é igualmente bastante utilizado, nomeadamente através do serviço de mensagens instantâneas, como acima referido, precisamente porque podem manter o contacto ao longo do dia e em tempo real.

Hábitos de Conversação

Os hábitos de conversa incluem a regularidade com que os casais falam, a duração das conversas e os temas de conversa. Como já reconhecemos, os casais tentam e conseguem falar todos os dias. Desde cinco minutos a quatro horas, os participantes têm sempre tempo para falar com os seus parceiros. Por vezes utilizam a hora de almoço ou marcam um encontro online para a noite, quando ambos estão mais livres e dispõem de mais tempo. Os tópicos passam por assuntos do dia-a-dia, pelo próprio relacionamento e por vezes por planos para um futuro conjunto.

Ausência Física

A ausência física afecta todos os indivíduos e é uma grande limitação pois, como todos concordam, é difícil gerir a falta de contacto e presença física e o não poder estar juntos para se apoiarem mutuamente. De entre as actividades que podem praticar em conjunto, salientam a partilha online de músicas e fotografias ou o visionamento de um mesmo filme, enquanto podem acompanhar as reações e trocar comentários com o parceiro através da *webcam*.

Emoções

Este é um tópico difícil de abordar e de desenvolver, porque aos entrevistados não é fácil gerir os sentimentos e as saudades. Por vezes, os indivíduos sentem-se muito sozinhos ou tristes, mesmo que não se sintam deprimidos. Os participantes relataram sentimentos de ansiedade, saudade, solidão, infelicidade, incerteza, mas também foram capazes de identificar sensações de independência e de crescimento interior resultantes da experiência que estavam a viver.

Visitas

As visitas são um elemento importante na vida de um casal numa RLD. Os participantes podem sentir-se nervosos antes da visita, mas quando esta acontece os sentimentos descritos são excitação, felicidade e alegria. Sentem que o encontro, por mais pequeno que tenha sido, foi perfeito e maravilhoso, e por um momento esquecem-se da distância que os separava. As visitas são organizadas para aproveitar o máximo de tempo e de modo a ajustarem-se a ambas as agendas, não

sendo por isso desvalorizadas mesmo que as condições em que acontecem não sejam as ideais.

Outros Constrangimentos

Apenas foi observado um caso em que o inglês era utilizado como língua de comunicação, visto o casal ter diferentes nacionalidades e idiomas. Ao utilizar outra língua que não a sua língua materna, o participante sentia que não estava a ser totalmente ele próprio e, assim, receava não poder transmitir os seus pontos de vistas mais pessoais e verdadeiros. Por vezes, o mesmo casal usava as línguas de um e do outro, alternadamente, para tentar comunicar melhor.

- Constrangimentos Externos

Agendas

A agenda pessoal serve para programar encontros online e as visitas. Todos os entrevistados admitem terem tempo para falar com os seus parceiros e alguns organizam mesmo a sua agenda em função da/o namorada/o. Quanto às visitas, tirando as épocas de exames, os nossos entrevistados tinham tempo para viajar, podendo e utilizando as férias lectivas ou fins-de-semana. Tal como foi mencionado anteriormente, as visitas são organizadas de modo a ajustar-se a ambas as agendas.

Rede Social

As pessoas próximas dos indivíduos em RLD desempenham um papel importante na vidas destas pessoas, pois são elas que passam a maior parte do tempo com um dos indivíduos quando os parceiros se encontram longe. No entanto, três dos sete participantes confessaram que ter um colega de quarto limitava a comunicação com o parceiro porque não podiam expressar-se à vontade e falar do que realmente sentiam, com outra pessoa por perto.

Despesas

As finanças são outro elemento importante na vida de um casal numa RLD porque é impossível manter uma relação deste tipo sem gastar dinheiro, seja em tecnologias de comunicação seja em viagens ou visitas. O que descobrimos é que os nossos entrevistados não veem a sua situação financeira como um problema. Têm consciência dela mas fazem o seu melhor para pouparem e usarem esse dinheiro para se encontrarem ou poderem manter contacto. A solução pode passar por se

encontrarem a meio caminho, dividirem as despesas, uma das partes estar a trabalhar e, por vezes, contarem com alguma ajuda dos pais, ou de um ou de outro.

Tecnologia

É graças à tecnologia e aos avanços registados na comunicação à distância, que hoje os casais podem falar com mais frequência quando estão longe. Porém, ela pode também limitar a comunicação. A tecnologia inclui telemóveis, computadores, acesso à Internet, *webcams* e redes sociais. Por um lado, estas tecnologias facilitam a comunicação à distância porque possibilitam ao casal manter a comunicação e fazer com que se sintam mais próximo. Mas, por outro lado, a tecnologia, ainda que avançada, pode revelar problemas de rede ou de ligação, e tornar-se frustrante. Contudo, os nossos entrevistados reconhecem que, sem ela, a comunicação entre o casal seria menos frequente, e estão agradecidos por a terem, por a saberem utilizar e por esta funcionar bem, na maior parte dos casos. Os nossos participantes admitem utilizar preferencialmente a comunicação síncrona, precisamente por ela lhes permitir exprimir-se ao mesmo tempo que o parceiro.

Destaques e Interpretações Finais

Relembrando determinados resultados pertinentes podemos tirar as seguintes conclusões. O *Skype* é a ferramenta mais utilizada, ainda que apresente problemas de ligação, porque se consegue ver o parceiro, e isso é o mais valorizado, pois para estas pessoas ouvir não basta, precisam de mais pistas para se sentirem próximos, numa tentativa de reconstrução da “normalidade”. Os entrevistados conseguem o mesmo resultado utilizando o *Facebook* ao longo do dia para se manterem em contacto e a par das novidades. Ainda assim, os participantes enviam cartas e postais, de vez em quando, com detalhes, pela sensação de romance. De forma a manterem a “normalidade” quotidiana da relação, os casais falam todos os dias um com o outro, arranjando sempre tempo para o fazer, seja através de que meio for. Quando os indivíduos se visitam tudo corre bem, o encontro é perfeito porque podem finalmente tocar, abraçar e cheirar e ter uma comunicação cara-a-cara.

Outras actividades praticadas pelos nossos participantes são: escrever papelinhos com mensagens pessoais e colocá-los numa caixa para o parceiro ler mais tarde, ver o mesmo filme ou série, mostrar o quarto pela *webcam* ou almoçar

“juntos”. Estes exemplos podem ser considerados encenações da realidade, de um passado conjunto ou de um futuro desejado.

Os entrevistados sentem muito a falta do parceiro. Sentem igualmente confiança no parceiro e que a comunicação entre eles melhora depois deste tempo de separação.

Os participantes afirmam que a tecnologia limita a comunicação mas só até um certo ponto. Aceitando que a tecnologia pode não funcionar a 100% todo o tempo, sentem-se gratos por a poderem utilizar quando quiserem. Finalmente, por vezes, partilhar a habitação ou ter um quarto em comum limita a comunicação ao casal.

“We expect more from technology and less from each other. Because technology appeals to us most where we are most vulnerable”¹¹.

A distância não é incomum nas relações de hoje em dia, especialmente quando é temporária. Quando um casal se encontra nesta situação, há uma diminuição na oportunidade comunicacional. Os resultados deste estudo têm aplicações práticas para os indivíduos entenderem de que forma podem utilizar a tecnologia de comunicação para se sentirem mais perto dos seus parceiros. Enquanto alguns resultados deste estudo são apoiados pelas descobertas anteriores (Yin, 2009; Neustaedter & Greenberg, 2011) sobre comunicação em RLD, outras descobertas são novas, originais e podem ser acrescentadas à literatura sobre a mesma. Além disso, este estudo traz novas informações para futuras pesquisas sobre os constrangimentos na comunicação à distância, pois, no nosso caso, trabalhamos com jovens de várias nacionalidades que confluem num lugar no centro da Europa e, a partir daí, mantêm contacto com os seus parceiros nos países de origem (semelhante aos estudos de Yum & Hara, 2005 e Neustaedter & Greenberg, 2011), ao contrário da população mais homogénea de outros casos, onde a investigação decorre dentro de um mesmo país (Arditti & Kauffman, 2004; Wang, 2004 Haig, Becker, Craig & Wigley, 2008; Farrell, 2009).

O processo comunicacional geralmente envolve vários meios e, claramente, não é expressado apenas por via-textual (Yin, 2009). Esta pesquisa revelou que o uso de *webcam* pode proporcionar uma melhor qualidade do que outros canais de comunicação mediada. É essa, desde logo, uma das impressões que nos foram transmitidas pelos protagonistas. A partir da nossa observação, pudemos concluir que os jovens utilizam também múltiplos meios de comunicação mediada para

¹¹ Por Sherry Turkle, na conferência TED “Connected, but alone?”. Fevereiro de 2012 [6]

falarem com os seus parceiros, sendo a combinação *webcam* e redes sociais a mais comum. Quanto mais a relação evolui mais se procuram meios que ofereçam pistas para a enriquecermos: quanto mais ricas as relações são, mais se procuram meios múltiplos pelos quais se possa interagir (Baym, 2010).

Verificámos que a internet é uma ferramenta através da qual se podem não só iniciar, mas também desenvolver e manter relações amorosas. Utilizar da melhor forma a internet, o áudio e o vídeo para comunicar com o outro parece essencial para casais em RLD. A falta de algumas pistas, por exemplo, o áudio e o visual nas mensagens instantâneas, pode ser colmatada a partir da utilização da *webcam*. A faceta síncrona que alguns meios apresentam exige que os utilizadores se concentrem e ouçam o parceiro mais directamente, logo, o casal sente-se mais ligado simplesmente por estar a falar em tempo real. Como verificámos, o *Skype* é uma ferramenta útil e indispensável para a comunicação entre os jovens de hoje em dia. Existem, ainda assim, outras alternativas a este programa que oferecem o serviço de vídeo-chamadas: *ooVoo*, *Google Hangouts*, *Apple Face Time* ou *Viber*, cada um com mais ou menos opções, mas todos a ganharem terreno dentro dos programas para utilização da *webcam*.

Os estudantes em RLD dentro da Europa não veem as *Agendas* e as *Despesas* como constrangimentos para a comunicação e o bem estar da relação, porque arranjam sempre tempo e meios monetários para priorizarem os encontros online e presenciais. O maior constrangimento reconhecido pelos próprios ainda é a *Ausência Física*, pois estes jovens sentem realmente muito a falta dos seus parceiros e por isso recorrem a todos os meios e tecnologias que têm ao seu dispor para se sentirem mais próximos. O preço das comunicações só se torna um constrangimento no caso dos telemóveis, visto que as chamadas e as SMS são mais caras em roaming. No passado dia 11 de Setembro de 2013, a Comissão Europeia propôs um importante avanço para as telecomunicações no mercado único, ou seja, a proposta a nível da União passa pela elaboração de um plano livre de roaming e da implementação de regras mais simples para ajudar as empresas a investir mais e a eliminar fronteiras. Tudo isto permitirá uma Europa mais unida em termos de telecomunicações, também para os europeus em RLD.

O documentário que produzimos serve para partilhar as histórias de estudantes no centro da Europa numa RLD. Eles relatam as suas experiências e falam sobre os meios de comunicação que preferem utilizar para comunicar com os parceiros, os constrangimentos encontrados na comunicação à distância e ideias sobre como ultrapassar ou viver temporariamente com essas limitações. A presença de uma pessoa a falar no ecrã pode ter um efeito poderoso sobre nós, devido à

semelhança dessa situação com tantas outras com as quais nos podemos identificar. Esperamos que as entrevistas exploratórias neste documentário ajudem a descrever os conceitos de RLD, comunicação mediada e constrangimentos na comunicação, do ponto de vista daqueles que os protagonizam. Apesar de todos os constrangimentos que tiveram que enfrentar, das saudades, de algumas oportunidades perdidas, estes jovens sabem que esta situação é temporária. No entretanto, as formas de comunicação mediada servem para encenar e reconstituir alguma normalidade nas suas relações afectivas e, deste modo, tornar mais suportável a distância.

Algumas Limitações da Pesquisa e Sugestões para o Futuro

O presente estudo avaliou o tipo de comunicação utilizado por indivíduos numa RLD. No entanto, houve algumas limitações relativamente ao número de participantes e ao tempo disponível para a recolha de material. A simples utilização da imagem é um factor que condiciona o desenvolvimento da investigação. Coloca pré-requisitos técnicos, exige mais tempo e mais disponibilidade da parte dos sujeitos convidados a participar.

Devido a restrições económicas e de deslocação geográfica por parte da investigadora, apenas um parceiro de cada relação de longa distância foi entrevistado, em vez do casal. Portanto, não foi possível comparar as duas opiniões. O casal pode, na verdade, ter diferentes pontos de vista sobre a comunicação dentro da relação. Futuras pesquisas nesta área podem optar por recolher ambas as percepções dos parceiros.

Outras direcções que poderão ser tomadas, de forma a enriquecer este trabalho exploratório, passarão por introduzir outras dimensões das RLD e alargar o número de jovens entrevistados. Por exemplo, uma maior diversidade de nacionalidades poderá fazer surgir eventuais diferenças culturais que aqui permaneceram ocultas.

Em terceiro lugar, as entrevistas foram realizadas com participantes na sua totalidade caucasianos e em relações heterossexuais. Pesquisas futuras podem ser mais sensíveis a esses factores de diferenciação e incluir minorias sexuais e indivíduos de vários grupos étnicos.

Em quarto lugar, o estudo poderia ser ampliado para uma faixa etária superior (23-35 anos), que incidisse nos “jovens adultos”. Esses indivíduos poderiam estar num nível mais elevado de relacionamento, em termos de duração e estabilidade do que os nossos jovens estudantes e que saíram de casa pela primeira vez. Teriam, nesse caso, uma experiência de vida diferente e outras noções sobre os relacionamentos à distância.

E por fim, existem condicionamentos pessoais. O contexto cultural em que a investigadora vive e trabalha impôs-lhe certos modelos de raciocínio. E o próprio carácter que se forma através das experiências pessoais e do desenvolvimento da personalidade influenciaram a realização e produção deste documentário.

BIBLIOGRAFIA – NORMA DE HARVARD

- Aguila, A.P.N. (2009) Living Long Distance Relationships through Computer-Mediated Communications. *Social Science Diliman*.
- Arditti, J. A., & Kauffman, M. (2004). Staying close when apart: Intimacy and meaning in long-distance dating relationships. *Journal of Couple & Relationship Therapy*. Vol. 3(1).
- Aufderheide, P. (2007) *Documentary Film: A Very Short Introduction*. Oxford University Press.
- Aylor, B. A. (2003) Maintaining Long-Distance Relationships. In D. J. Canary & M. Dainton (Eds.), *Maintaining relationships through communication: Relational, contextual, and cultural variations*, pp.127-141.
- Baym, N; Zhang, Y; Lin, M. (2004) Social Interactions Across Media: Interpersonal Communication on the Internet, Telephone and Face-to-Face. *New Media & Society June 2004 vol. 6*, pp. 299-318.
- Baym, N. K (2010) *Personal Connections In the Digital Age – Digital Media and Society Series*. Polity Press.
- Bernard, H, R. (1995) *Research methods in Anthropology – qualitative and quantitative approaches*. Sage Publications, Inc.
- Candeias, V (2003) *Introdução ao Guião para Documentário*. Edições Universitárias Lusófonas.
- Chen, W; Boase, J; Wellman, B. (2008) *The Global Villagers: Comparing Internet Users and Uses Around the World*, Blackwell Publishers Ltd.
- Farrell, J. M. (2009) *Notions of Distance: Communication constraints in long distance dating relationships*. Tese de B.A., University of Nevada.
- Farmer, R. (2005) Instant messaging: I'm online! r u? *EDUCAUSE Review*, 40, 49-62.
- Freire, M (2001) Prolegômenos para um entendimento da descrição etnocinematográfica em "TRADIÇÃO E REFLEXÕES: contributos para a teoria e estética do documentário". *LabCom Books*, pp. 155-167.
- Gershon, I. (2008) Email my heart - Remediation and romantic break-ups. *Anthropology today vol 24 no 6*.
- Grierson, John. (2001) Princípios iniciais do documentário¹² em "TRADIÇÃO

¹² Grierson, J. (1966) First principles of documentary. In Forsyth Hardy (ed.) *Grierson on documentary*, Revised Edition, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, pp.145-156.

E REFLEXÕES contributos para a teoria e estética do documentário“. *LabCom Books*, pp. 5-18.

- Giacomantonio, M. (1986) *Os meios audiovisuais*. Edições 70, Lisboa.
- Johnson, A.J, Haigh, M.M, Becker J. A. H, Craig, E.A, Wigley S. (2008). College Students' Use of Relation Management Strategies in Email in Long-Distance and Geographically Close Relationships. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 3, pp. 381-404.
- Knox D, Zusman M., Daniels V, Brantley A. (2002) Absence makes the heart grow fonder?: long distance dating relationships among college students. In *College Student Journal*, pp. 33-34.
- Lipschultz W. & Musser T. (2006) Instant Messaging: Powerful Flexibility and Presence. In *National Academic Advising Association*.
- Lockett H. P. (1973) *What's News: Electronic-mail delivery gets started*. Popular Science.
- MacDougall, D. & Taylor L. (1998) *Transcultural Cinema*. Princeton University Press.
- MacDougall, D (2006) *The Corporeal Image*. Princeton University Press.
- Maguire K. C. (2007) Will it End? A (re) examination of uncertainty in college student long-distance dating relationships. *Communication Quarterly*, 55(4), pp. 415-432.
- Manovich, L. (2001). *The Language of New Media*. MIT Press.
- Mantovani, F (2002) Cyber-Attraction: The Emergence of CMC in the development of interpersonal relationships. *Say Not to Sat: New Perspectives on Miscommunication*, pp. 236-246.
- Martins I. (2001) Documentário animado: tecnologia e experimentação em “TRADIÇÃO E REFLEXÕES contributos para a teoria e estética do documentário“. *LabCom Books*, pp. 296-318.
- McLuhan M. (2011) *The Medium Is the Massage: An Inventory of Effects*. In Gingko PressInc.
- Moore, A. (2007) *Documentaries and Humanitarianism*. Tese B.A., Copenhagen Business School.
- Morris, M. & Ogan, C. (1996), The Internet as Mass Medium. *Journal of Communication*, 46: 39–50. [Internet] Disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol1/issue4/morris.html> [Consult. 4 de Janeiro 2013].
- Nichols, B. (2002) *Introduction to Documentary*. Indiana University Press.
- Neustaedter C, Greenberg S (2011) *Intimacy in Long-Distance Relationships over Video Chat*, University of Calgary.

- Penafria, M. (1999) *O Filme Documentário – Historia, Identidade, Tecnologia*. Edições Cosmos.
- Penafria, M. (2007) *O documentário segundo Kracauer*, Doc On-Line Revista Digital de Cinema Documentário.
- Poirier J, Clapier-Valladon S, Raybaut P (1999) *Histórias de vida: teoria e prática*. Celta.
- Rabby M. & Walther J. (2003) Computer-Mediated Communication Effects on Relationship Formations and Maintenance. In D. J. Canary & M. Dainton (Eds.), *Maintaining relationships through communication: Relational, contextual, and cultural variations*, pp. 141-162.
- Radicati, S. (2010) *Email Statistics Report*. [Internet] Disponível em <http://www.radicati.com/?p=5282> [Consult. 4 de Janeiro 2013].
- Ritzer, G. (2010) *Globalization: A basic text*. John Wiley & Sons.
- Rosenthal, A (2002) *Writing, directing, and producing documentary films and videos*, Southern Illinois University Press.
- Rumbough, T (2001) The development and maintenance of interpersonal relationships through computer-mediated communication. *Communication Research Reports*, pp. 223–229.
- Stafford, L (2005) *Maintaining long-distance and cross-residential relationships*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Subtil F. (2003) "Uma teoria da globalização avant la lettre. Tecnologias da comunicação, espaço e tempo em Harold Innis", *Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa*, pp. 287-312.
- Utz, S. (2000). Social information processing in MUDs: The development of friendships in virtual worlds. *Journal of Online Behavior*. Disponível em <http://www.behavior.net/JOB/v1n1/utz.html> [Consult. 28 de Dezembro 2012].
- Wang, H. (2004) *Self-Disclosure in Long-Distance Friendships: A Comparison between Face-to-Face and Computer-Mediated Communication*. Tese B.A. San Diego University.
- Winston, B. (2001) Documentário: penso que estamos em apuros em "TRADIÇÃO E REFLEXÕES contributos para a teoria e estética do documentário". *LabCom Books*, pp. 41-57.
- Yin, Lijuan (2009) *Communication Channels, Social Support, And Satisfaction In Long Distance Romantic Relationships*. Tese B. A. Georgia State University.
- Yum, Y & Hara, K. (2005) Computer-Mediated Relationship Development: A Cross-Cultural Comparison. *Journal of Computer-Mediated Communication*.

Webgrafia

[1] <http://etymonline.com/?term=media>

[2] <http://www.vodafone.pt/main/Particulares/Roaming/Tarifarios/Chamadas-e-sms.htm?tab=Vodafone%20World>

[3]
http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=133548146&DESTAQUESmodo=2

[4]
<http://online.wsj.com/news/articles/SB10000872396390443635404578036164027386112>

[5] <http://www.statisticbrain.com/online-dating-statistics/>

[6]
http://www.ted.com/talks/lang/pt/sherry_turkle_alone_together.html?source=facebook#.UW1r3yjB8Wx.facebook

Todas as referências *web* foram consultadas entre Dezembro de 2012 e Novembro de 2013.

Anexos

Anexo A - PROJETO DE DOCUMENTÁRIO

(Inspirado no modelo de projeto do DOCTV)

1 - Tema:

Comunicação em Relações Amorosas de Longa Distância (RLD)

2 – Proposta de Documentário:

De acordo com Rosenthal (2002), uma proposta de documentário deve compreender os seguintes tópicos:

Introdução: Este é um filme de aproximadamente 20 minutos sobre a comunicação em RLD.

Segundo plano: A caracterização das limitações encontradas nos meios de comunicação escolhidos e na própria relação à distância.

Objectivos: Perceber como os jovens de hoje utilizam as tecnologias de comunicação à distância para se manterem em contacto com os seus parceiros. Deste modo, o processo concreto permitirá lançar um olhar renovado sobre o tema, acrescentando a trabalhos anteriores uma perspectiva sobre as diferenças culturais na utilização de comunicação mediada por computador síncrona (mensagens instantâneas, webcam) ou assíncrona (SMS, e-mail).

Foco: Este filme é sobre a comunicação dos jovens estudantes europeus em RLD, a partir de depoimentos e de experiências narradas para a câmara ao longo de entrevistas. Não é um estudo comparativo entre comunicação face a face e comunicação mediada, mas sim sobre um tipo de relações específicos e dos limites comunicacionais que criam. No documentário procurou-se saber como é que os jovens europeus comunicam com parceiros dos quais se encontram separados, através de entrevistas semi-estruturadas, em ambientes confortáveis e com significado para os entrevistados.

Formato e Estilo: O estilo é muito pessoal e íntimo, em modo de revelação humana em vez de reportagem. O objectivo é entrar no mundo destes jovens em vez de apenas observar, há uma componente participativa. Neste filme, os depoimentos são retratados visualmente e as pessoas estão claramente a falar para alguém que quer tornar as experiências pessoais em experiências colectivas.

Narração: Não utilizámos narração e usámos exclusivamente as vozes dos protagonistas, porque as visões do mundo, as histórias e as perspectivas são deles próprios.

Técnica: A técnica utilizada é a básica e comum de entrevistas não directivas, com a câmara ao nível do olhar com o objectivo de representar o olhar das personagens e fazer com que o espectador sinta a acção de forma mais intensa, intercaladas com imagens subjectivas da passagem do tempo. Existem cenas com bastante iluminação natural, planos mais apertados maioritariamente estáticos para mostrar tudo o que é essencial e utilizámos a regra dos terços no enquadramento para maior harmonização da imagem.

Ponto de vista: A visão é directa e as opiniões positivas. A investigadora comunga com os participantes e dá-lhes espaço para se ouvir as suas vozes. Apesar de todas as limitações encontradas, os participantes sabem que esta é uma situação temporária e até estão dispostos a admitir que esta experiência os ajudou, por isso o interesse em partilhá-la na forma de um filme.

3 – Protagonistas do Documentário

Estudantes de várias nacionalidades a tirarem a sua licenciatura na Universidade de Masaryk em Brno, República Checa, que estavam numa relação amorosa há mais de seis meses e cujo parceiro se encontrava num país diferente, ou seja, fora da República Checa.

Foram escolhidos estudantes como principais personagens devido ao facto de a maior parte das investigações deste tipo serem feitas exactamente em camadas mais jovens. Os estudantes têm mais abertura e disponibilidade para participar num projecto destes e os conhecimentos e os meios que dispõem para recorrer às tecnologias de comunicação a fim de manter contacto. Além disso, podíamos tirar partido da situação pessoal da investigadora: eu, como todos os jovens que conheci e com quem trabalhei, estive, durante o período de realização do projecto, com uma bolsa *Erasmus* na República Checa e numa RLD.

4 – Pesquisa Prévia

Estudos de RLD

Tipos de meios de comunicação

Tipo de documentários com base em autores como Bill Nichols e Patricia Aufderheide.

5 - Fontes de Pesquisa

Dividido por duas fases, primeiramente houve uma pesquisa cinematográfica, à procura de inspiração, em filmes que tratassem do mesmo tema: o documentário de Carlo Pisani, que pode ser visto parcialmente em www.lovetrips.eu, representa casais que têm de viajar para manter as suas relações à distância. Por outro lado, houve uma pesquisa bibliográfica, para investigar outros estudos sobre a temática das RLD: Jenny Farrel surge-nos com a sua tese sobre os constrangimentos comunicacionais em RLD ou ainda a tese de Lijuan Yin sobre vias comunicacionais, apoio social e satisfação em RLD.

6 – Estratégias de Abordagem

Procedimento Geral: O caminho seguido foi procurar entre a população universitária da cidade de Brno seis estudantes deslocados, dentro do programa *Erasmus* ou ao abrigo de outro programa internacional semelhante, que se encontrassem numa RLD. Porque a própria investigadora se encontrava nesta situação, o acesso ao quotidiano destes jovens estava à partida garantido e os contactos surgiram com naturalidade. A mobilização das experiências mais pessoais fez com que o trabalho de campo para este projecto se aproximasse largamente daquilo que a antropologia tipificou como participação-observação.

Entrevistas individuais: Todos os estudantes que foram entrevistados se mostraram disponíveis depois de um primeiro contacto, e as entrevistas decorreram num ambiente casual, de conversa. A investigadora dirigiu-se aos quartos que ocupavam na residência ou a outro lugar que tivesse algum significado para os próprios e, onde, mais importante, se sentissem à vontade. A única condicionante para a marcação do local da realização da entrevista foi assegurar que o mesmo favorecia o diálogo livre e que não existiam entraves nas respostas às questões colocadas.

Observação: Houve um trabalho prévio de preparação durante o qual, enquanto se procedia à selecção dos protagonistas, se procurou ouvi-los sobre as suas experiências e impressões relativamente às relações e às formas de contacto, de modo a que o ponto de vista dos sujeitos pudesse ser filmado e posto em imagens.

Imagens Abstratas: Valorizaram-se aspectos subjetivos das situações

retratadas, numa tentativa de atribuir significado à passagem do tempo, tempo esse que estes jovens passaram separados dos seus parceiros. Existem várias maneiras de representar a memória num filme e colocá-la no centro da história. David MacDougall chama-lhes “sinais de ausência” – imagens de perda, objectos perdidos, sentimentos de saudade. Fomos à procura desses mesmos objectos e sinais e tentámos passá-los para o filme, de modo a transmitir a ideia da passagem do tempo, nostalgia e saudade.

7 – Tratamento:

A montagem envolveu as seguintes fases de pós-produção: primeiro visionamento, alinhamento de cenas, alinhamento do áudio, edição do conteúdo, aprovação e por fim a exportação do *Master* final. Assim, a título de exemplo das formas de tratamento utilizado, apresentamos uma amostra das primeiras imagens do filme.

Abertura

Imagens de três dos espaços exteriores onde o documentário se desenrola.
Título do filme.

Situação 1

Entrevista com #1, no corredor da residência para não incomodarmos o seu companheiro de quarto.

Pergunta 1: Conta-me um pouco sobre a tua RLD... (Pergunta que se repete para todos os entrevistados)

Situação 2

Entrevista com #2, num parque, perto da residência.

Situação 3

Entrevista com #3, no seu quarto, junto ao computador, por onde costuma comunicar com o seu parceiro.

Situação 4

Entrevista com #4, num café, perto da janela.

Situação 5

Entrevista com #5, num jardim onde levou o seu namorado quando a veio visitar.

Situação 6

Entrevista com #6, num café, ao ar livre.

Situação 7

Imagens de transição da janela do quarto. Neve de fevereiro.

Situação 8

De volta à entrevista com #1, intercalando com imagens a falar pela webcam.

Pergunta 2: Que meio utilizas para comunicar com o teu parceiro? (Pergunta que se repete para todos os entrevistados)

Anexo B - QUESTIONÁRIO DO PARTICIPANTE / PARTICIPANT QUESTIONNAIRE

Questionário a ser entregue antes do dia da entrevista, para que os entrevistados fiquem a conhecer o tema e irem pensando sobre que tipo de comunicação utilizam com os seus parceiros, e respectivas características e limitações dos meios de comunicação escolhidos. This questionnaire is to be delivered before the day of the interview, so participants could get to know the subject and start thinking what kind of communication use with their partners, and characteristics and limitations of the media chosen.

Nome/Your Name _____

Idade/ Your Age _____

Sexo/ Your Sex _____

País/ Your Country _____

Idade do par/ Partner's Age _____

País/ Partner's Country _____

Ocupação do par/ Partner's Occupation _____

Há quanto tempo se conhecem?/ How long have you known your partner?

Há quanto tempo estão numa relação? / How long have you been in a romantic relationship with your partner?

Há quanto tempo estão numa RLD?/ How long have you and your partner been long-distance?

Qual a razão da separação física? What are the reasons or circumstances that your relationship is currently long-distance?

Quanto tempo falta para estarem juntos? / How long until you are together?

Em média, quantas vezes falam pelo telefone/telemóvel?/ On average, how often do you have a conversation on the phone?

- Nunca/Never
- Uma vez por mês/Once a month
- Uma vez por semana/Once a week
- De vez em quando/Every other day
- Outro/Other:

Em média, quantas vezes falam pela webcam? On average, how often do you have a conversation by webcam?

- Nunca/Never
- Uma vez por mês/Once a month
- Uma vez por semana/Once a week
- De vez em quando/Every other day
- Outro/Other:

Anexo C - GUIÃO

Iremos focar-nos na comunicação entre ti e o teu parceira/o. Irei perguntar sobre o que falam mas mais *como* falam, que **meios** utilizam. / We are going to be focusing on the communication between you and your partner. I am going to ask you about your talk but more *how* do you talk, what **media** do you use.

1 - Rever as perguntas sobre a relação/ Review questions about the relationship

2 – Quais os meios de comunicação utilizados para falarem um com o outro?/
Which media do you use to talk with each other and how?

Usas o telefone para te manteres em contacto? Quem é que inicia a comunicação?
Como se dá a comunicação? Do you use your phone to keep in touch?

- Telefone/Telemóvel/Phone
- SMS
- E-mail
- Mensagens Instantâneas/ Instant Messenger
- Webcam
- Outros

3 - Quais as vantagens das SMS? E as desvantagens? O que é que esse meio dá que o outro não dá? Which are the advantages and disadvantages of SMS?

4 – Preferências e melhoramentos nos meios de comunicação utilizados /
Preferences and improvements in the media you use

5 - Preferes comunicação síncrona (no mesmo tempo: telefone, MI, webcam) ou assíncrona (SMS, e-mail)? Porquê? Do you prefer synchronous or assynchronous communication?

Em que momentos a escolhes? Porquê? In which moments do you choose them?

6 – Quais as limitação da Comunicação à Distância encontradas, como lidam com /
Which constrains of distance communication do you find, how to deal with

Internas/ Interns:

- *Comunicação Mediada/ Mediated Communication itself*

Achas que o tipo de meio mediado escolhido influencia a conversa? Achas que o tipo de conversa influencia a escolha do meio? Do you think the media you choose influences the conversation? Or the other way around?

- *Hábitos de Conversa/ Talk Habits*

Com que regularidade falam?/How often do you talk? Que temas abordam? About what? Se o tema for algo importante, que demore mais tempo, como geres isso? How do you manage time for the conversations?

- *Emoções*

Há algum sentimento que limite a vossa comunicação? Como te sentes quando estás longe? How do you feel when you're apart? Como é que estar triste/contente afecta a maneira de falar e o meio escolhido? A tristeza e a saudade é algo que querias falar? Do you want to talk about those feelings?

- *Ausência Física/ Physical Absence*

Quão te afecta a ausência física? Como a geres? Que actividades podem e fazem juntos? How much the physical absence affects you? How do you manage it? What activities do you do together?

- *Visitas / Visits*

Quanto tempo ficam sem se verem? Têm planos para se verem? Como é que as agendam? Como correm as visitas? How do you schedule visits?

Externas/Externs:

- *Agenda/ Schedules*

Como são organizados os vossos encontros online? Têm tempo para falarem de tudo? How do you schedule your online meetings? Do you have time for everything?

- *Finanças/ Finances*

Como são geridos os gastos com as tecnologias de comunicação? E com as visitas? How do you manage expenses in technology? And in visits?

- *Tecnologia/ Technology*

Achas que a tecnologia em si limita o processo comunicacional em algum aspecto? Qual ou porque não? Do you think technology itself limits the communication?

- *Outros/ Other*

Existe mais algum tipo de limitação que encontres e que não falámos aqui? Is there any other constraints you find that we didn't talk about?

Anexo D – Quadro Participantes

Nome	Idade	País	País do parceiro	Ocupação do parceiro	Duração da relação	Duração da RLD	Tempo que faltava
Cécile	20	Bélgica	Bélgica	Mecânico	5 anos (60 meses)	1 mês e 13 dias	1 mês e 13 dias
Olivier	21	França	França	Estudante	6 meses e meio	1 mês e meio	3 semanas
Natasha	20	Inglaterra	Inglaterra	Estudante	3 anos e 10 meses	3 meses	2 meses
Maria João	22	Portugal	Grécia	Estudante	7 meses e meio	3 meses	2 meses
Taylor	21	USA	USA	Estudante	3 anos (36 meses)	3 meses	2 meses
Elmar	20	Holanda	Holanda	Estudante	1 ano	3 meses	1 mês
Marta	23	Portugal	Portugal	Estagiária	4 anos (48 meses)	3 meses e meio	3 semanas

Anexo D – Entrevistas

OLIVIER

I - I met her on the 6th of September, 6 months ago. We left the party at midnight, it all came really quick, I'm falling in love in one night and she's too. I knew I had to go out abroad during the 2nd semester. So, since 1 month and a half we have been separated, she's in France and I'm here and it's going well, we are doing our best. We're still together on Skype. When I get up I do 30 minutes of Skype with her because I love to see her in the morning. Or while we're eating, it's like we are living together, and if we have time or work we talk to each other.

II - We are using most of the times Skype, 3 times a day. Some SMS, some e-mail and letter from time to time.

Skype is free, is the best, and is really awesome.

SMS is for when I need her during the day and I can't use my computer I send a text.

E-mail with family, about other subjects, now I'm helping her with some essays.

(I use) Letters for the romance.

The best thing is the letter, when you receive it you're on top but it only comes once a week.

Skype is the best in utility, second best in feeling.

When I want to tell her about my day I'll use synchronized communication but for information less important I'll use unsynchronized communication.

Skype is bringing me the pictures and sound but it misses the three other, a lot. Sometimes it doesn't work and you cannot hear her or see her and that's annoying. When I talk to her I'm happy so I forget it.

With letters you have to wait a lot. E-mail is not warm a feeling; it's just cold mail.

III – When she's in her house and I'm in mine we always Skype, sometimes for 4 hours or when we have free time.

I'm doing my plans in function of her. I know she's home so we Skype and then we can go to some party.

We'd take some extra time to talk, if you're doing 4 hours more 30 minutes it's okay. Or we'd fix it later on Facebook.

Visits are the hard part, because of the exams we didn't have much time but at least 1 time per month. In Prague, France, somewhere in May and then at the end, finally. Before this we were never been separated more than a day. To see each other once a month is very long. When we met in Prague and we kissed each other it was like the first time, really amazing. I felt pressure but in a good way. It was five magic days, I couldn't believe this feeling.

It's really hard, I cannot say fuck right? You're always unhappy. I think all people who leave their love in another country feel the same; you feel alone, but really really alone.

I gave her a box with one saying per day so she can open one everyday and I can say a thing to her but I'm not there. I've got her fragrance.

If you want to succeed in your LDR you need to have a trust without limits with your partner, that's the hard part, when you get it you feel lighter.

I have money in the bank; I eat less so I have money so I can see her. We're doing our best.

20 years ago you couldn't... (Technology) Still limits (communication) but way less. You still haven't the touch or smell or all this truly important... Maybe teletransportation.

I thought it'd be easy, it's hard. It's like you're wearing something on your back, sometimes is heavy, and sometimes is light. If you're really in love it's okay, just trust and be fully in love, after that it's okay.

CECILE

I - I met him in school, when I was 15 year old; I was in other relationship, totally different. Last year he went to France for 3 months to sky. It was very difficult but I really wanted to do Erasmus so now we're in a LDR.

II – We do a lot of Skype and Facebook, not phone because it is very expensive and I have bad connection. When we can we use the webcam.

On Skype I can hear him or seeing but there's a lot of connection problems, it stops, sometimes it's good. We use a webcam, like a smartphone. Not often, he works so we have his lunchtime. Not to often the webcam, more talk and write. Sometimes I try to write him some words but I prefer synchronized media.

III – On average, once per day, we try. Sometimes I want to talk about personal subjects and I can't because my roommate is one meter away, is not easy to talk about my feelings.

He has lunchtime, I want to tell him more and "Oh I have to go". My family knows more about my life here than my boyfriend because I don't have time to tell all the things. Not everything, I don't have time.

We decided to meet in Germany, the middle, not so far. (We see each other) Once a month because it's very difficult. We searched and find some hotel, I don't want to came back during my stay, it isn't the same. I just want to be with him in other place but my country.

It's very difficult. At home we meet everyday. And I think this is the last time because it's very difficult for us.

I'm not staying in my room, depressed, it's okay. I'm sad, I miss him a lot but I'm okay. Maybe I'm not sad maybe I just miss him. After all it's an Erasmus, it's fun I'll see him.

I don't count the money a lot. It's for my boyfriend so it's okay.

In one hand is very great to have it (technology), I have news of everyone, it's okay but maybe 15 years ago we would stay here really without any news, maybe one letter for every three weeks. When you need to speak really it's easy just call him by Internet.

When I call him I feel nervous, you know. We can speak but in fact I don't want to speak I just want to see him. I don't explain my day because sometimes I don't care to explain.

Sometimes communication disappoints me. Sometimes I have the impression we're friends, not lovers. I'm happy, disappointed, the relationship is different but in general it's good.

NATASHA

I - I was 13 years old when I met him on scouts. We were together; break up a few times, 4 years ago. We were in the same school, he's in a year above so I'd see him around, and we have friends in common. We're together for a year then he went off to university, so we've been 2 years and a half apart but I went to see him, I just took the train and in half a hour I'd be there. Next year, he'll go home and I'll be in university so still LDR.

II – it's different than at home, SMS/call him is too expensive.

Facebook to send texts, stuff is instant.

If you want to portrait how you're feeling, Skype is better, you can see the person's reaction, feels more like the communication you have at home, where there you'd just be with the other person. Doing something else and still hanging out more casual way.

Whatsuup, for messaging, is instant, we can schedule Skype meeting.

Phone just once, when I got here and I didn't have Internet.

We did a few postcards, it's always nice to receive old fashion postcard. But I find it so much quicker just go and write him on Facebook because the letter is not relevant but the time he receive it.

III – There's always people in my room, you can't talk to someone about personal stuff, about how you really feel, about being there when other people around. It's better now, just being busy.

I talk everyday, maybe not Skype or Facebook. Here is essential to talk to people, and since I don't have a phone I rely on Facebook. It's harder to talk about personal issues, when he came to visit it was so much easier to bring that kind of things up, face to face, more relaxed. It feels more formal on Skype, more normal stuff, he'd send me music. The other day he was showing me how he redecorate his room, showing he camera around. And his friend said "hi", so it's nice to feel that I'm still part of that home.

I suppose we're quite lucky because it's only one hour different, whereas the Americans have day/night difference... it's seems fine, he's studying, by his computer a long time so I can just call him, he's usually there, it's quite nice. At evenings it is hard because both are doing things. We talk for 40-60 minutes, if we arrange to do it maybe longer. The other day we had lunch together on Skype.

I don't like to rush when I'm talk to him so I'd make time for him, I'll do it tomorrow. I'd rather talk to him properly instead of rushing.

It worked very well, on Easter holiday. He may come after finish his dissertation.

As soon as you see each other it's like nothing happened. It went back to normal.

We show each other music; we're planning what we want to do, talking about the future. If I see something that reminds me of him I'll just send him.

I don't feel as bad as I thought. I thought I'd miss him more but I think it's because I'm busy here, I have distractions. So it was harder when he came, then when he left "oh no!", now you know what are you missing, a lot.

I feel quite independent, maybe at home you feel more reliable on the other person, so it's nice to do your own plans, to have some freedom.

If you want to tell how you're feeling, Skype is better, you can see the body language, it's a lot better than Facebook, I don't know if he'd get if I was upset, I'd have to literally say "I'm upset". You can see the reaction as well and how much effort you're putting, I don't think I can tell him exactly how I feel on Facebook. Also is more private, it's not written somewhere.

He paid for the flight and I paid for the hotel. It worked 50/50. His parents gave him money to come see me, because we're together for such a long time.

(Technology) makes it (communication) so much easier so wherever negative there are it just contra balance by the good. Without it I couldn't be able to, apart from letter, keep up the communication we have at home, we would talk everyday.

It's nice to make your own friends here. Experiences on you own. When you've been together for a long time there's a change you get claustrophobic and you miss out other people. When I first decided to come he didn't want me to come, said I was leaving him. I wanted a different experience, abroad. We weren't sure if it would work out but there's no point on giving up on something like that without even trying and we both are trying very hard, to make an effort to communicate, it worked.

Also, I found out here that I don't want to be with anyone else. You meet so many people here, there's a change, but I just want to be with him.

You can't go and touch him, I miss that. Sometimes you don't really need to say anything, that's the problem, sometimes you don't have anything left to say, you just want to be with that person, that's what I feel the most. Otherwise you need to think of all the things you need to say.

MARIA

I - I met him in the second week of Erasmus, 8 months ago. We had the same group, we started to spend time together, we've been together ever since until the end of his Erasmus because I'm still here and he went back to Greece.

II - We just use Skype, when I'm not online he calls me and says "Maria go to Skype". Cellphone is too expensive. E-mail is very rare. Instead of SMS we use Facebook. We use Skype twice a day but it depends if we have to work or extra activities. We can see each other, the faces, the expressions; it's much better than just write. Sometimes I forget we are far away, I feel like he is just in front of me. Once I realized I was touching the screen like I was touching him. Skype makes me feel closer.

Phone is good because we can call wherever, whenever we want, but it's expensive so we use Skype.

We talk on the lunchtime and at night when both are home. But during the day we just leave a message.

III - He's Greek and I'm Portuguese. Our cultures are not so different but we talk in English. My English isn't perfect; his English isn't perfect as well. Sometimes I thought if he knows the real me, he can't understand my Portuguese jokes; in English I don't know if I'm the same. We can understand each other, some words in Portuguese, some words in Greek or we explain like this (gestures), so it's ok, we are not ashamed, we just want to talk and everything is ok.

We talk about how was our day, a lot about Vinarska (dormitories) because he left, depression post Erasmus, you know. He has many friends here. And we talk about sweet things, you know.

We can find time. If it's something emergent I can call, if I really need. Now I will start to study hard but 5, 10 minutes, of course we have time, at least that.

He left in Feb, I went to Greece in March, he will go in July to Portugal, I don't know, maybe we will meet in Italy, because it's the middle for both. Next year I'll be in Portugal, far away. I don't like to think about that. If I start to be really rational I will suffer, really. So I just let it go. Don't think, just enjoy. When I was there it was amazing, like a dream. I was with him the all the time. One week past like (snapping fingers) one day. Really, really quickly. It was perfect, more perfect couldn't be.

We share pictures, music, how are things in Portugal, how are things in Greece, we talk about that too, 'cause they are not good. We share our culture.

I don't know... when I talk on Skype I forget that I'm not with him, just when I want to feel and smell I realize "oh fuck, I will be one more month without him". I try not to think about that 'cause that makes me really sad.

I feel anxious. I like to have my life organized but with this I never know when it will be the next time I'll be with him. The main solution that I found is not to think, just enjoy. I'm not with him physically but I can't be without him. It doesn't matter if it's just to talk. It's so good when we talk and when we are together I forget all the time that we were separated.

I found a cheap flight, if we meet in Italy we can have really cheap flights. It's not too expensive. The main problem is not the money, it's time.

If it wasn't technology our relationship would not work. What? Letters? No. it will be impossible for me. Technologies are always better and better, maybe in a few years you will be able to touch the other person.

We don't go out together, we don't watch a movie together, it's not the same but everything is fine.

TAYLOR

I - We met in band, we started talking, hanging out, and going for walks, so we started dating, it was pretty casual. We were friends and we kept going. We would just see if our relationship goes further, we didn't put a lot of pressure, if it works it works, if it doesn't it doesn't. We've been together ever since and it's still working good. We both want to be together in the future. Now I decided to study abroad, he thought that it was a good idea, he was supportive. Our communication is a little bit less than when I was home. It's a good decision that I came here. It makes us

stronger. I want him to study abroad, to have his own experiences. It's a good thing I came here because we've been together for 3 years so it's good I'm having this experience by myself and he's supporting me. I think after doing this it will be ok. I don't want us to regret anything. If you can make it through all this LDR then at the end it will be worthy.

II - With Skype you can see each other, you can hang out. With voicing you can record messages with your voice, send pictures, text, it's really nice "look what I saw today", dumb stuff. We know what we are doing during the day, makes us feel we are with each other a little more.

We Facebook message a lot.

We've done a couple letters, it's nice, you can see his handwriting and you can hold it and you know that they hold it all that cheesy stuff, sometimes it smells like them.

I'm very sarcastic, he teases me, when we are not with each other we can't see each other's facial expressions, sometimes we forget each other's humor, kind of have to remind him. You can see them but not hug or kiss.

When we are at the same time we are hanging out together. If you Skype for one hour it's like you are hanging out with that person for one hour.

I like to use Facebook through the day or send pictures, it keeps him in the loop of what your doing. for us to be able to Skype... it's too hard to be both awake. If it's a small detail you kind of feel part of his life. You miss out a lot. Seven-hour difference, we are really far away from each other. You have no idea what he's doing. It builds your trust and it really forces you to communicate a lot.

III - We Facebook message every morning and at night, everyday. Wednesday here is the day when we go out, so I come home at 5am I'll Skype him because it's night there, it's funny because I've drinking. My 1am is his afternoon, my 2pm is his 6am so it depends on what we have going on. To fit both our schedules. We've plan on Skype and I'd fall asleep, but we try.

We are really open with each other. There's nothing I won't tell him. What I'm doing, my traveling, new people we've met, his school, work, family, this summer, something we'll be doing together ant that's exciting. We joke around, we laugh. It's good to do, something in common.

Especially when I'm traveled, we didn't Skype for a week, there are so many things, you forget a lot of things, and you just talk about right now. Facebook messaging sometimes doesn't make sense but I wanted to tell him what was I thinking at that moment.

If it's really important we try and make a Skype appointment, stick to it and this is what we'll talk about.

He came here, it was really wonderful. I had no idea that he could visit me and end it up working and it was really great. I felt anxious, a lot. You talk about visiting for so long, seems so far away, you feel a little nervous, what if he's different, when you see them and hug for the first time everything goes away and it's good. I only have one moth left and I'll see him again.

We do funny things, sharing pictures, memes, laugh about them. Send new bands.

I definitely miss the physical absence. You wish to hug them. When you take a break, you're alone you feel it more, you want to be with him. When you're busy it takes your mind off.

I miss him a lot. Seeing something really awesome or enjoying I wish Ben was here and he could do this with me, experience together. He's the one person that really knows me, now you're meeting new people and you kind miss that person that knows you better and then know how you're feeling and what you need. You feel comfortable and you can be yourself with that person. It's a good decision that I study abroad by myself, it helped me individual to grow and also our communication is really growing, we have to talk. If you have a problem you have to talk, you can't hold a grudge for 6 months. If you don't have communication your relationship will not last. I think it's a good thing to do through your love one at the end it will work out for the best.

Skype and Facebook are free and letters aren't too expensive. It was expensive to him to come here, it was a big commitment for him to do and I'm grateful for it. So far is not too big of a problem, we talk about it.

Having a LDR could be a good thing, depending on your attitude. It makes you communicate more, finding more about your self but also be able to be stronger as a couple. You can grow more and you can have your own experience both together.

ELMAR

I - We are both in a political party, so we used to call every new member. My friend was supposed to meet her at a coffee but he slept so I was called, I ran and she asked "why are you late?" well, it wasn't my fault, so I asked her for another drink. It all sorted out. Little more than a year. I decided to study in the Czech Republic for half a year.

II - We use several kinds of media devices. Computer, everyone uses. Skype is easy. Wassup when there's Wi-Fi. I'm an old fashion guy I like to write letters and send her stuff by mail. That's what I like the most, you can think about those text and messages a little longer, you can't reply instantly which is nice. You can send things you find in the street, pictures with it. I like that better.

The Internet connection in Czech Republic isn't that good so usually I can't see her. Letters are more personal than talking through SMS, you can write bigger stories, you can describe feelings a little better, so that's why I like and I make some effort to find nice postcards. Look nice in her room when she puts them all together. Usually the Czech Republic isn't that quick, a week or two.

We don't use e-mail or Facebook that much.

There are always some problems when you're having a conversation and you're not physically present but those can be overcome, just use different types of media.

III - How often do we talk to each other? Nearly daily, via all sorts of devices, try to keep in contact. Important stuff as well or just what we have been doing, get an impression of occupies our time, so you don't come back and have a time gap.

When you're with each other you make time for each other as well, that's the same, you only need to contact a little more if you can't be present at the same time. That's not very different I guess, you can make just work at night.

She called me one, she was really sad then well you just need to leave other stuff, I guess that's normal.

One time I visited because my laptop broke, it wasn't planned, fortunately she was home. She brought me a ticket back to the Netherlands so next weekend I'll visit her. It's not really plan, she just asks Can you come and I say yes I can. It's a couple of hours, late in the evening I'll be there, stay for 2 days and come back. Usually those are nice, not really pressure.

Sometimes indeed you wanna hold each other or give a kiss but you know that's not possible. Usually when one of us has a little more hard time and you just want to be there, but...yeah...

We discovered if you download the same film and you put on Skype you can watch film together, make comments about it, that's a nice thing to do together you're not in the same couch but you can still look at films together and that's good.

How do we feel when apart? If you're just busy doing your work, you're not thinking that much about it, but yeah...

Feelings to talk about? Well... is not always easy but we need to talk them.

The easy part is the price of living over here is quite cheap so every month I've got this huge amount of money left which I normally use for rent in the Netherlands so the expenses aren't to big for me. I can afford that.

That's a hard question, if technology limits communication? Maybe for some part it does, you'd expect if you send a message or a letter you'll get a reply and that's not always possible. If I'm traveling I don't have Internet, or she's in the middle of something she can't reply, so it takes a lot of time. You just need to accept you can't reply immediately, not every time at least.

I'm not there, that's a huge constrain.

MARTA

I – I met him in my 2nd year of university, it was his 1st year, and I remember his big eyes so I was very curious about him. We started dating a few moths later and in my 3rd year I wanted to do Erasmus and I got accepted in Turkey. He went there to visit me once. The following year, it was his turn to go aboard, this time as a student exchange in the Netherlands and I also went there, at the end of his staying. Last year, we were studying in Lisbon. Now, I decided to do a second Erasmus to finish my Masters, so I'm here, for the 3rd time in a LDR in four year.

II – We use a lot of Facebook, Skype writing and webcam and some SMS online, I send it on the Internet and he receives it on his phone and he can reply it for free to my phone.

SMS – it's a good feeling when you receive his message and you can almost reply it instantly. Updating the day. I wish I could use it on my phone but it's a little expensive so I try to use the online version.

Phone – It's very very expensive for me to call me, so I only used it when he was here and we needed to meet so he called me.

E-mail – when there's a lot going on and we cannot be at the same time, sometimes I write him. He sends me a photo from his cellphone to my e-mail and that's very nice. E-mails for long and deep conversation when we don't have time to talk "face-to-face".

Instant Messaging – we both have internships where we can be on Facebook all afternoon, it's good, and we keep on talking.

Skype – sometimes the Internet is so slow that I prefer not to have webcam if the conversation isn't good, I'd just write or talk. I prefer a good phone call then a very bad webcam connection.

I'd prefer synchronized communication, almost like you're having a real conversation, it feels almost normal but I feel we cannot do that as much as I wanted so I use a lot of sending a message and when he gets it he'll reply it.

When I have a lot going on, I use unsynchronized, just a quick message. When we both have one night off we have almost face-to-face conversations.

The main problem is the Internet connection, it's not very good here, that's piss me off a little sometimes. Then I breathe, we talk and it's okay.

Having a roommate... sometimes it's hard to talk to each other or more than talk, express yourself. She's not Portuguese so she cannot understand us, I can talk whatever I want. When we're having deep conversations I feel like sometimes I cannot talk about that now. But she's not here all the time.

The moment I choose to have a deep and long conversation I should use a reliable media, one stable so I'd not use webcam for that.

We talk everyday, somehow, Facebook, Skype, About daily stuff, plans for today, tomorrow, the weekend and now that things are getting to an end here, we talk about the things we'll do when I go back. At first was all about me, meeting new people and now is what he is doing, does he have a holiday?

We're lucky because our internships allow us to be on Facebook so we got a lot of time then. Sometimes at night, if we have time. I know I'll see him online again, I just have to wait.

I feel a little sad, I miss him a lot, I wanted him to be here and share his experience with him, and at the same time I'm very happy to be able to do all of this by myself. I know that he supports me, it's very good. I get a little anxious when I get to see him. I miss him a lot, miss the touch, holding hands. When it's close to the time we get to see each other that when we get more "oh my god it's almost there". We talk about that time that will come. I think sometimes we're so busy that some stuff doesn't come to the conversation.

At night is the hardest part because we used to spend a lot of time together, so nights are very lonely. Also during the day I think "he should be here, he'd love this" I wish I could hold his hand just for a little... and kiss him.

He sends me photos from his cellphone to my e-mail, which is nice, I can see what he sees. Now I take photos with film I sent him by mail and he develops them and then he can see what I've seen, that's like a surprise for both.

It was suppose to meet each other in the end of April. I got here in February, so 3 months wait is too long, so he got a expensive flight to come in March just for a weekend and I'm glad. In April he took some holidays to come to Brno so it was even more special.

If it's something important we'll schedule Skype. If we have time we have time, sometimes I forget things I should talk, not as much important but still, little details I'd

like to share with him. I wish I could have him all the time around so I can talk immediately, not only when I'm online.

He bought the ticket, I paid for his staying, we share. He's working so I know he's saving for this. I'm saving as well to spend it with him. I pay internet, I charge my Czech cellphone, it's a little cheap.

Technologies also come with a lot of featuring, good stuff you should use for your own good and it's just better if you use everything you can. If not technology you still have other...old media, postcards, letters... maybe that's not real communication, just little pieces of the present because once the letter gets there it's been too long but still keeps the relationship going. Technology is very important in our society.